CONFIDENCIAL BR ES APES, DES. O. MS. 19

TELECOMUNICAÇÕES DO ESPIRITO SANTO S/A - TELEST

ASSESSORIA DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES

ENCAMINHAMENTO N.º 037 / 75 ASI/ TELEST

DATA: 07.11.75

ASSUNTO: PRIMEIRA ASSEMBLÉIA MISSIONÁRIA INDIGENISTA

ORIGEM: ASI/TELMA (Telècomunicações do Maranhão S/A)

REFERÊNCIA: INFÃO-328/S2/GuSL/75, de 14.10.75

DIFUSÃO: 38º BI - 3ª CSM - SSP - DFF - DOPS - PMES - CAP. PORTOS. EAMES

Esta ASI recebeu e encaminha a esse órgão cópia do seguinte documento:

INFÃO-122/75/ASI/TELMA (Telecomunicações do Maranhão S/A), de 30.10.75

CONFIDENCIAL

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRESAPEES.DES.0.MS.19

TELECOMUNICAÇÕES DO MARANHÃO S/A

EMPRÊSA DO GRUPO TELEBRÁS
ASSESSORIA DE SEGURANÇA E INFORMAÇÕES

INFORMAÇÃO Nº 0122/ 75 / ASI/TELMA.

Data : 30 OUT 1975

Assunto : PRIMEIRA ASSEMBLÉIA MISSIONÁRIA INDIGENISTA.

Origem : DSI/MJ.

Referência : INFÃO Nº 328/S2/GuSL/75, de 14/OUT/75.

Difusão : ASI; TELEBRÁS-TELERON-TELEACRE-TELAMAZON-TELAIMA-TELEPARÁ - TELEAMAPÁ-TELEPISA-TELECEARÁ-TELERN-TELPA-TELPE-TELASA TELERGIPE-TELEBAHIA-TELEMIG-TELEST-CTB-TELESP-TELEPAR-TELESC-CRT-TELEMAT-TELEGOIAS-TELEBRASILIA-EMBRATEL-CETEL.

Anexo : 04(quatro)fotocopias do documento sobre conclusoes da Primeira Assembléia Missionária Indigenista.

Esta ASI recebeu e difunde para conhecimento desse Órgão, o documento anexo.

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DÊSTE DOCUMENTO. (Art. 62 - Dec. ns. 60417/67 - Regulamento para Salv-guarda de Assuntos Sigilosos).

Original ilegível
Original difficult to read
0077

[illegible] 15.22.12 ou 75 P.105
BRESAPEES, DESD.MS 19

PRIMEIRA ASSEMBLÉIA MISSIONÁRIA INDIGENISTA

CONCLUSÕES

Dado o momento histórico vivido pelos povos indígenas do Brasil, de expoliação de suas terras, destruição de sua cultura e negação do seu direito de decidir sobre seu futuro, a Igreja Missionária, reunida nesta 1ª Assembléia Indigenista, reconhecendo sua omissão e conivência com esta situação injusta e anticristã, e consciente tanto da sua corresponsabilidade em relação a estes povos, quanto da sua missão de anunciar o Evangelho, se compromete a seguir estas linhas de Ação e programação:

I - Linhas de Ação

TERRA 1. Apoiar decidida e eficazmente, em todos os níveis; o direito que tem os povos indígenas de recuperar e garantir o domínio de sua terra, nos termos do Art. 11 da Convenção 107 da OIT, uma vez que eles são os proprietários originários e parte integrante da mesma terra. Terra apta e suficiente para um crescimento demográfico adequado à sua realidade ecológica e sócio-econômica.

CULTURA 2. Reconhecer, respeitar e apoiar abertamente o direito que têm os povos indígenas de viver segundo sua cultura (Estatuto do Indio, art. 1º). De modo especial, animar os grupos em processo de desintegração pra que revitalizem sua cultura.

AUTO-DETERMINAÇÃO 3. Procurar por todos os meios devolver aos povos indígenas o direito a serem sujeitos, autores e destinatários do seu crescimento. Reconhecer que, como pessoas e como povo, são e devem ser aceitos como adultos, com voz e responsabilidade, sem tutela nem paternalismo, capazes de construir sua própria história. Consequentemente, qualquer organismo, religioso ou civil, que considere o Indio ou grupo indígena como propriedade ou objeto de manipulação, atenta contra os direitos fundamentais da pupulação indígena.

ENCARNAÇÃO 4. Seguindo os passos do Cristo, optar seriamente, como pessoas e como Igreja, por uma encarnação realista e

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
CIE

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRES APEES, DES. OMS. 23 F. 04

comprometida com a vida dos povos indígenas, convive com eles, investigando, descobrindo e valorizando, [illegible] tando sua cultura e assumindo sua causa, com todas suas consequências; superando as formas de etnocentrismo e colonialismo até o ponto de ser aceito como um deles.

CONSCIENTIZAÇÃO

5. Assumir como nossa tarefa principal trabalhar numa conscientização sistemática:

5.1. para que a Igreja reflita sobre sua aliança com os poderosos, optando real e eficazmente pelos oprimidos e marginalizados;

5.2. para que os povos indígenas conheçam e façam respeitar todos os seus direitos e também para que se informem devidamente dos justos deveres para com outras sociedades;

5.3. para que a sociedade envolvente e, de modo especial o Governo caminhem para estruturas sociais mais justas e cristãs;

PASTORAL GLOBAL

6. Conduzir a Pastoral indigenista em nosso País dentro da missão que a Igreja Latino-americana se sente chamada a cumprir no mundo de hoje, de exprimir e encarnar o apelo dos oprimidos e marginalizados, superando nossos individualismos de Igrejas e Congregações, e buscando conjuntamente a união e coordenação de todos os esforços por uma ação global libertadora.

CONCLUSÃO

Ao aprovar estas linhas de ação, cremos proporcionar uma alternativa ao único modelo sócio-econômico e religioso da sociedade nacional, garantindo assim um Brasil mais justo e pluralista.

Goiânia, Goiás, 27 de junho de 1975

**** . ****

II - PROGRAMAÇÃO

1) Terra - Que as Missões se comprometam a preparar junto com os índios documentação exata de problemas de terras e encaminhá-la à Assessoria de Terras do CIMI e diretamente à FUNAI.

- A Assessoria de Terras do CIMI [illegible]

Original ilegível
Original difficult to read
0077

2) Auto-determinação - Apoiar, incentivar e possibilitar encontros de Chefes e grupos tribais, e também a participação efetiva dos índios em nossos encontros de Pastoral Indigenista.

3) Encarnação - Os missionários não se limitem à adaptação de alguns ritos nas cerimônias, mas se comprometam também a um sério estudo da cultura e da religião indígenas.

- O CIMI e os institutos especializados proporcionem cursos, diretrizes, subsídios e assessoria aos missionários empenhados nesta busca.

4) Conscientização - Governo - Empenhar-se para que o órgão de assistência ao Indio dependa diretamente da Presidência da República.

- Prelados e Superiores maiores - Urgir para que Prelados e Superiores religiosos se sintam responsáveis em criar condições para que o pessoal que vai trabalhar junto ao índio adquira a devida preparação antropológica e linguística.

- Missionários - Levando em conta que grande parte dos missionários que já trabalham em Missões, não receberam orientação para esse tipo de trabalho: considere-se urgente a necessidade de participação e conscientização das decisões tomadas nos Encontros, nacional, regional e assembléia, para que possam avaliar seus trabalhos mediante esses conhecimentos.

=Os missionários se empenham em estudar e aprofundar a política oficial de modo a poder tomar atitudes e consequentes em favor dos grupos tribais.

=Os missionários documentem e recolham os fatos detalhadamente para que sirvam de fonte e subsídio às Assembléias, Encontros de revisão e planejamento.

- CIMI - O CIMI assuma em etapas sucessivas a organização de cursos e reciclagem de Antropologia, Linguística, Teologia e Realidade Sócio-Política e Econômica para os missionários.

- Que o CIMI se esforce por encontrar, em suas relações com o governo, a linha mais eficaz para o bem dos índios.

- Que os institutos regionais de pastoral (CENESC, COM...) tenham um setor para estudo de pastoral indigenista.

5) Pastoral Global - União = Os missionários, procurem fomentar e dinamizar por todos os meios possíveis a verdadeira colegialidade e solidariedade dentro de sua congregação e prelazia, a fim de que a pastoral indigenista faça parte integrante da preocupação pastoral da Igreja local e seja garantida sua continuidade.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRES APEES, DES.O.MS.19 P.06

Coordenação = Haja uma Assembléia Nacional de Pastoral [illegible] [illegible] ano. Pelo menos um encontro [illegible] [illegible] um [illegible] constando de três elementos [illegible] estado, planejamento.

= Que os agentes de pastoral [illegible] [illegible] radicar-se de modo estável, não sendo removidos sem [illegible] [illegible].

Informação = Informar às comunidades missionárias e [illegible] religiosos e bispos sobre seu relacionamento e [illegible] com o CIMI.

= O CIMI e a OPAN unam esforços no sentido de elaborar um Boletim que atenda às exigências de formação e informação.

= Intensificar o fluxo de informação entre CIMI e Missões por todos os meios possíveis: Boletim, textos, etc. a fim de melhorar a unidade de ação.

Goiânia, Goiás, 27 de junho de 1975

Anexo n. 01 (01 Fls)
INFAO N. 01/22/76 ASI/TELMA

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRES APEES, DES.O.MS.19 P.07

GOVÊRNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

ÓRGÃO:

Fôlhas N.º

Processo N.º

Rubrica

Sr. Chefe
Devidamente cadastrado
Em 18.11.75
[illegible]

T-B.

Cadastrar e arquivar.
[illegible]

MOD. IT EMPORIA

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRES APEES DES.O.MS.19

P.08

SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

NOME:

Relatório Policial

ASSUNTO:

Sobre reunião realizada na Praça Oito com referencia a demarcação das terras indigenas em Caieiras Velha, Pau Brasil e parte da Ilha dos Comboios.

ANDAMENTO	DATA	Nº PROTOCOLO	ANDAMENTO	DATA	Nº PROTOCOLO
1º	/ /		18º	/ /	
2º	/ /		19º	/ /	
3º	/ /		20º	/ /	
4º	/ /		21º	/ /	
5º	/ /		22º	/ /	
6º	/ /		23º	/ /	
7º	/ /		24º	/ /	
8º	/ /		25º	/ /	
9º	/ /		26º	/ /	
10º	/ /		27º	/ /	
11º	/ /		28º	/ /	
12º	/ /		29º	/ /	
13º	/ /		30º	/ /	
14º	/ /		31º	/ /	
15º	/ /		32º	/ /	
16º	/ /		33º	/ /	
17º	/ /		34º	/ /	

ANEXOS

1º	/ /	4º	/ /
2º	/ /	5º	/ /
3º	/ /	6º	/ /

Mod. EMFORMA 021

Original legível
Original difficult to read
C077

BR ES APEES, DES.O.MS.19 P.09

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA

S.G.P.C.-SUPERINTENDENCIA DE INVESTIGAÇÕES ESPECIAIS

DELEGACIA ESPECIALIZADA DE ORDEM POLITICA E SOCIAL

DELEGACIA ESP. ORDEM POLITICA E SOCIAL - SGPC/SPI
DOPS
E.S.

Relatório Policial

Sr. Delegado:

Cumprindo determinação verbal de V.Sª., passo a relatar o que pude observar com relação ao Ato Público Pela Demarcação das Terras Indigenas:

O primeiro ora or foi o representante da Pastoral da Terra, que declinou algumas datas em que as mencionadas terras foram doadas aos indidos Tupiniquins, pelo Imperador Português.

Falaram tambem os caciques das duas tribos Jose Sizenando que é da tribo dos Tupiniquins e o cacique dos Guaranis que não declinou o seu nome tendo o mesmo falado em Tupi-Guarani que não deixariam as terras que lhes pertencia por direito e que só deiriam dali mortos.

O deputado Max Mauro não pode comparecer mas foi lido uma mensagem enviada pelo mesmo de apoio e solidariedade ao povo indigena.

O deputado Dilton Lyrio no seu apoio a solidariedade do povo indigena, falou que a Funai é sinônimo de funerária dos indigenas que deixa de proteger os indios para proteger Multi Nacionais que é o caso da Aracruz Celulose.

Tambem falaram alguns da UFES do Diretorio Central dos Estudante e o Universitário Elias Alves que se diz um estudioso em assuntos indigenas colocou-se a disposição dos indios para qualquer assunto.

Dando prosseguimento falou o sr. Francisco Borges do Sindicato dos Trabalhadores de Cachoeiro de Itapemirim que o Governaor do Estado é um mentiroso e que é o pior Governador que já existiu no Estado de Espirito Santo, que manda colocar em grandes cartazes na entrada da grande Vitória os dizeres; " O Espirito Santo, um Estado que assegura os

Mod. 12

Cont...

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRESAPEES, DES.0.MS.19 P.10

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Continuação

seus direitos" porque o Governa or também não dá os direitos dos indios que também são capixabas.

Nos entervalos a anima ora da TV Tupi improvisava umas estrofes que o povo acompanhava " Os indios = lutando e o povo apoiando" " A terra é nossa, fazemos a nossa força".

Afora outras observações foi encerrada a a aglomeração com um público de aproximadamente de 200 pessoas.

Anexo um prospecto recolhido no local com = os dizeres: " Precisamos salvar nossas raízes.

Vitória, 24 de Junho de 1980

Lucas Miranda

Lucas Miranda

Pol. encarregado pela missão

Mod. 12

Original legível
Original difficult to read
0077

BRES APIES DESO.MS.19

Precisamos Salvar Nossas Raízes

"Vocês não falam por nós. Os índios não foram consultados. Só aceitamos a área que está no decreto de 08/11/79." Com essas palavras dirigidas à direção da Funai, os índios TUPINIQUINS do litoral de nosso estado manifestaram seu temor de que o órgão entre num acordo com a direção da Multinacional ARACRUZ CELULOSE S.A.. Um acordo que pode acabar prejudicando a população indígena que vem protestando contra a invasão e as ameaças dessa empresa que vem ocupando as terras dos índios

.HISTÓRICO:

O decreto citado é a Portaria 609, do final do ano passado, assinada pela própria Funai e que declara como de ocupação dos Tupiniquins as áreas de Caieiras Velhas, Pau Brasil e parte da Ilha dos Comboios. Porém, a Nação indígena é a legítima proprietária da terra desde 1.610, por doação da Coroa Portuguesa estando essa Sesmaria demarcada no livro do Tombo da Vila de Nova Almeida, Capitania do E.S.

A invasão do território indígena começou na década de 60, quando a Cia. Ferro e Aço passou a explorar a madeira dessa área para fazer carvão e, em seguida instalou-se a Multinacional Aracruz Celulose "comprando" a área da Ferro e Aço.

Em 1.966, chegam os GUARANIS, vindos de uma fazenda de Minas Gerais e passando a lutar junto com os tupiniquins pela posse da terra.

.A SITUAÇÃO ATUAL:

No início deste ano, depois de longo período de pressões e ameaças da Aracruz Celulose que mantém guardas de segurança rondando a área mesmo com o decreto do ano passado; e após várias tentativas por parte dos índios no sentido de que a Funai realizasse a demarcação de suas terras, eles deram um prazo de 60 dias para que fosse feita essa demarcação. Findo o prazo, sem que nada tivesse sido feito, os índios [illegible] data e na 4ª-feira, dia 18/06, iniciaram este trabalho. Mas, já na 5ª-feira, agentes da Polícia Federal acompanhados de soldados da P.M. chegaram ao local impedindo qualquer trabalho.

. SOLIDARIEDADE À NAÇÃO INDÍGENA:

Em apoio à luta dos índios e em protesto contra as atitudes da Aracruz e à conivência da Funai, será realizado um ATO PUBLICO PELA DEMARCAÇÃO DAS TERRAS INDÍGENAS, hoje, 23/06, às 18 horas, na Praça Oito.

D.A.C.B.M.

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRESAPEES, DES.O.MS.19 7.12

DIÁRIO DA MANHÃ – GO. – 17.06.80

PAG. 13

Carta do cacique Sizenando ao ministro Mário Andreazza

Há menos de um mês, o cacique José Sizenando, da aldeia dos Tupiniquim de Caieira Velha, enviou uma carta ao ministro do Interior, Mário Andreazza, ao qual está subordinada a Funai. Ele conta que o prazo dado pelos índios à Funai para que fosse iniciada a demarcação havia vencido dia 8 de maio. E comunicavam que não iam atender ao apelo da Funai para que esperassem mais um mês. José Sizenando lembra que as terras dos Tupiniquim, no Espírito Santo, foram entregues formalmente à tribo pelo imperador dom Pedro II.

"Aldeia dos Tupiniquim de Caieira Velha e Pau Brasil e Comboios.

20/05/80.

"Sr. Ministro do Interior, há muitos anos que nós vem brigando pela nossa terra com Aracruz Celulose que vem embargando os índios caçar e pescar e trabalhar dentro da nossa área com IBDF e guarda da Aracruz Celulose. Mas nós índios não temos medo porque nós estamos dentro da nossa área.

"Sr. Ministro do Interior, a Funai toma algumas providências mas não resolve nada. Nós índios há tempo que viemos pedindo a demarcação da Funai, a Funai vem fazendo muitas promessas para nós índios mas nunca cumpriu. Olha, nós índios esperamos demais, pela Funai nós ouvimos que não sala nada, nós demos um prazo de 60 dias para a Funai fazer a demarcação. Este prazo venceu no dia 8 de maio, nós índios Tupiniquim esperamos a chegada da Funai para fazer a demarcação, a Funai veio dizendo para nós índios que não tinha condições de demarcar a nossa área.

"No mesmo dia 8 de maio os índios Tupiniquim fiquemos muito aborrecido com a Funai. O cacique José Sizenando fazer uma reunião com a comunidade indígena Tupiniquim. O cacique José Sizenando perguntou à comunidade o que nós índios ia fazer. A comunidade respondeu, nós estamos cansado de esperar pela Funai pelo prazo que nós demos a ela que não cumpriu. Nós índios Tupiniquim temos que sair com demarcação pela nossa conta propria no dia 19 do mesmo mês de maio.

"A Funai soube que nós índios Tupiniquim ia fazer a demarcação pela nossa conta própria e daí a Funai passou um rádio pedindo os índios que não fosse fazer a demarcação que a Funai falou que deveria ser iniciada no mês de julho. O cacique José Sizenando voltou a reunir a comunidade indígena. Com muito sacrifício eu consegui controlar a comunidade indígena para esperar esta proposta que a Funai fez para o mês de julho. A comunidade indígena Tupiniquim respondeu que nós esperamos este prazo que a Funai deu se não haver pressão da nossa área. Vai Aracruz Celulose fazer mais pressão para cima de nós índios nós não vamos esperar a demarcação que a Funai falou no mês de julho. Nós índios Tupiniquim nós vamos fazer a demarcação por conta própria de nós índios antes do prazo da Funai porque nós estamos cansados de esperar pela Funai e Aracruz Celulose fazendo muita pressão em cima de nós índios. Aracruz Celulose fazer muita ameaça em cima de nós índios Tupiniquim.

"Dr. Evidio da Aracruz Celulose foi em Pau Brasil com 10 guarda da Aracruz Celulose para embargar os índios Tupiniquim de trabalhar. Dr. Evidio falou que os índios não trabalhasse mais, se os índios continuasse o trabalho ele voltava para enfiar o trator da Aracruz Celulose porque eles têm documento mais antigo. O cacique José Sizenando desmentiu a palavra do Evidio. Olha Aracruz Celulose eles pode ter este documento mais é falso. Dr. Evidio falou para o chefe do posto da Funai que o governo não vai perder muitos milhões por causa de 42 famílias de índios, o que 42 famílias de índios vai dar de renda pro governo.

"O cacique José Sizenando falou que o governo tem que reconhecer que nós índios somos verdadeiros donos das terras. Dr. Evidio falou que não reconhece Funai num mesmo índios, que a terra é deles. Elas falaram que não entrega a área e nem mesmo eucalipto.

"Isto é, o cacique José Sizenando e a comunidade indígena fala esta área é nossa, nós índios não deixa ninguém tomar. Nós não saímos da nossa terra prá lugar nenhum nós índios só saímos morto da nossa área. Olha Sr. Ministro do Interior nós índios Tupiniquim estamos cansados de esperar, de hoje em diante nos índios não esperamos mais. Os índios agora nós exigimos a demarcação da nossa terra se vocês não tomar providência nós índios tomamos as nossas providência da demarcação da nossa terra. Tudo que acontecer com nós índios Tupiniquins vocês são culpado. Mais nada."

Cacique José Sizenando.

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRESAPEES, DES. O. MS. 19

GOVÊRNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

ÓRGÃO:

Folha Nº

Processo Nº

Rubrica

D.
Ao Cartório.

Remetes ao patrimônio
do EPI
em 24.06.80

em 25.6.80
Ao SIG para os sendos fins

Subsecretário de Investigação Especial

Ao Chefe
Devidamente Cadastrado
Em 28.06.80

Ao Setor de Busca
para anexar e arquivar
em 27/06/80
Cistor Maria Magrage
Escrivão de S.I.E.

MSG 17

Original ilegível
Original illegible to read
0077

BR ES APEES, DES.O.MS.19 P.14

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
SUPERINTENDÊNCIA DA POLÍCIA CIVIL

FLS.

TÊRMO DE DECLARAÇÃO QUE PRESTA

JANDIRA PEREIRA CANQUINI

Aos dois dias do mês de Maio do ano de mil novecentos e Oitenta e onde se acha o Doutor Cap.PM SEBAS TIÃO GONÇALVES PEREIRA - SUPERINTENDENTE DE INV. ESPECIAIS comigo escrivão adiante declarado, presente J A N D I R A P E R E I R A C A N Q U I N I

filho de Hermenegilde Pereira
e de Maria Canquini
natural de Caieiras Velhas - Aracruz- ES
com 34 anos de idade
estado civil casada
com a profissão de Comerciante
residente Rua Principal s/n Caieiras Velhas-Aracruz-ES
trabalhando no endereço supra
e sabendo ler e ..... escrever, o qual inquirido disse QUE Efetivamente a declarante é nascida e criada em Caieiras Velhas; Que, seus Pais também residiam ali já ha algum tempo, que, a declarante pode afirmar que a vida naquele povoado até mais ou menos um ano atrás, transcorria normalmente, entretanto, com a passagem de elementos ligados a FUNAI, a tranquilidade deixou de reinar naquele povoado? Que, ha pouco mais de seis meses, a FUNAI instalou, ou melhor, elementos ligados a FUNAI, invadiram uma pequena casa de propriedade de VALDIR DE TAL e para tanto, apanharam a chave da mesma, que encontrava-se em poder da Srª MARIA DO CARMO que zelava por àquela Casa; Que, após esta invasão, a FUNAI, através da 11ª Região sedia da em Governador Valadares-M.Gerais, criou ali um Posto colocando sempre um representante para tratar negocios dos Indios; Que, tão logo o Posto foi criado, instalou-se no mesmo um serviço de Rádio e Telecomunicação e o representante que ali ficou por aproximadamente 04 meses foi o senhor GEORGINO FAGUNDES, que salvo engano, hoje encontra-se em Brazilia; Que, de quando em vez, o Sr. Georgino fazia reuniões entre indios mas era franqueado aos que ali residem, pois que ao ver da declarante, em Caieiras Velhas não reside indios e sim pessoas - descendentes de indios que interessam-se em se passar por indios, esperando melhores dias por parte da FUNAI; Que, dentre estas reuniões, o Senhor Georgino fizera ver aos descendentes

Têrmo de Declaração que presta

Jandira Pereira Canquini

Mod. SSP-PC-011

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRESAPEES,DES.O.MS.-9
P.15

fizeram ver a estes descendentes de indios, que êles tinham que lutar para reconquistar suas terras, alegando que os indios estavam amparados e que inclusive tinham condições de até matar e caso um branco viesse a ferir qualquer indio, seria responsabilizado e processado na Lei de Segurança Nacional; Que, a partir de então, Caieiras Velhas não mais tivera sossego, pois - os elementos que se dizem indios após haverem assinado a uma lista digo, a uma lista percorrida naquele povoado por Dona Silvia de Tal passou que inclusive obrigava a todos que assinassem a lista dizendo-se indio e que ela pertencia a FUNAI, o que o declarante não pode afirmar; Que, tão logo os indios ficaram procedendo de maneira diferente já com bastante autoridade isto poruque a - reuini-os de Georgino se deixou muito a vontade, o declarante e os que ali residem ha mais tempo que os proprios indios, perderam a tranquilidade isto porque ultimamente os indios de certa forma apoiados pela reunião dando lhes poder de até mesmo matar, hoje são vistos com faces e até facões ameaçando aos pacatos moradores daquele povoado; Que, após a saida de GEORGINO FAGUNDES, ali chegou MOACYR CORDEIRO DE MELLO que vem respondendo por - àquele Posto; Que, apoiados pelo Moacyr, o Cacique Sirenando e outros elementos tais como JUVENIL e AURELIO - reunião alguns indios e digo, Que, apoiados pelo MOACYR chefe do Posto atual e ainda com a presença constante de elementos da Policia Federal tendo a frente a pessoa de Dr. DURVAL, os indios foram criando fôrças e ha pouco mais de trinta dias, o Dr. Durval se fazia presente no Posto da Funai, quando Moacyr, Juvenil, Aurelio e ROGERIO MEDEIROS acompanhado de alguns indios, tendo a frente a pessoa de JOVENCIO RAMOS arrebentaram as portas do CRECHE, POSTO MEDICO e ESCOLA PRIMARIA e a partir de então, s'mente pessoas que se dizem indios e que foram relacionados como indios é que passaram a fazer uso dos estabelecimentos supra, enquanto que os filhos do declarante e dos demais que ali encontravam-se foram afastados; Que, ultimamente é frequente se ouvir que os indios através do Posto da FUNAI irá determinar a demarcação de suas terras alegam inclusive que se a propria FUNAI não se interessar pela demarcação, êles proprio irão demarcar suas terras; Que, o declarante é um dos três comerciantes devidamente registrados naquele povoado; Que, ultimamente o declarante e o também comerciante Sr. LUIZ GONÇALVES DIAS vem sofrendo ameaças não só por parte do representante da FUNAI Sr. Moacyr, como também pelo Dr. Durval da Policia Federal que se proibe a venda de de bebidas alcoólicas, proibindo até mesmo a venda de Cervejas alegando ser àquele povoado

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRESAPEES, DES.O.MS.19 R16

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

continuação das declarações de JANDIRA PEREIRA CANQUINI.. Fls 02

proibindo até mesmo a venda de Cervejas, alegando ser ali uma reserva indigena; Que, esta proibição vem trazendo prejuizos aos comerciantes, pois que através de bebidas as pessoas sempre fazem compras de cereais e que traz a sobrevivência dos comerciantes; Que, de certa feita, o Dr. Durval acompanhado de outros elementos também da Policia Federal, invadiram seu comercio oportunidade - em que muito embora não tenha se apresentado como Delegado de Policia Federal, o Dr. Durval fizera serias ameaças a declarante determinando inclusive que retirasse despratelairas todo e qualquer tipo de bebidas alcoólicas instruindo a declarante a vender toda bebidas em Biroscas a qualquer preço, o que causou estranheza a declarante que fizera ser àquele Senhor que não poderia assim - proceder pois lhe traria prejuizos pois que tudo ali era comprado e sòmente poderia ser vendido no seu justo valor e inclusive a declarante alegou que lhe venderia todo o estoque se acaso êle se interessasse; Que, mesmo achando absurda àquela ordem, a partir de então a declarante não mais vendeu bebidas alcoólicas, mas nesta oportunidade deseja esclarecer que não está suportando os prejuizos e ontem mesmo por ser feriado, vendera duas cervejas e após isto, a Moacyr comparecera em seu comercio para verificar - este fato, o que a declarante presume que êle tenha comunicado com o Policia Federal; Que, a declarante deseja ainda esclarecer que ha pouco mais de tres meses, ali compareceu o Dr. CLOVIS DE BARROS acompanhado de algumas pessoas a fim de averiguar a situação naquele Povoado; Que, o cidadão EDWALDO SEBASTIÃO vulgo Pela que trabalha como pedreiro mas que se passe por indio, tentou - apanhar das mãos de uma moça que acompanhava o Dr. Clovis de Barros um livro que continha nomes dos indios; Que, entretanto êle não conseguiu seu intento; Que, momentos depois, ainda em presença do Dr. Clovis o Pela sacou de uma faca e por pouco não matou JOSE DE OLIVEIRA residente naquele povoado que assistia a palestra do Dr. Clovis, isto porque José de Oliveira apezar de residir ha bastante tempo ali, também se recusara assinar a lista - como indio, este tumulto fizera com que o Dr. Clovis e sua caravana se retirasse sem maiores explicações; Que, após a invasão dos predios da Escola, Posto Medico e Creche, o proprio Cacique sob a guarda de Moacyr o Chefe do Posto e mais Juvenil e Aurelio bem como ainda um grupo de indios, foi fichado estes estabelecimentos com alguns dizeres, tais como: " PROIBIDO A ENTRADA DE PESSOAS ESTRANHAS " ; Que, á de conhecimento da declarante a existência de armamento no Posto da FUNAI, que muito embora a declarante tenha visto algo parecido com espingarda, não pode - afirmar qual o tipo de arma existente naquele Posto, pois não -

Mod. 12

Jandira Pereira Canquini

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BR ES AP ES, PES.O.MS.19 P.17

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

continuação das declarações de JANDIRA PEREIRA CANQUINI ... Fls 03

que, não pode afirmar qual o tipo de arma que encontra-se depositado no Posto da Funai, esclarecendo que é do tipo Espingarda e calcula ter aproximadamente cinquenta armas; Que, sabe ainda que elementos da FUNAI andam armados de revolveres, isto é de conhecimento de todos que ali residem; Que, uma vez mais a declarante quer esclarecer que reside em Caieiras Velhas desde sua infância; Que, seu Pai também é nascido e criado ali e até hoje reside no mesmo local e estes elementos que hoje pleiteam suas terras, a menor - parte é realmente descendente de indios, outros em sua maioria, - são oriundos de outros Estados que estão ligados aos indios para usufruirem de seus direitos; Que, estando marcado para o dia 08 de maio do corrente a demarcação de suas terras, os indios vivem avizando que neste dia irão invadir tudo o que os brancos tem, inclusive, já mandaram avizar que irão saquear os comerciantes, assim, neste ato, a declarante requer segurança de vida para si, sua familia e seus bens, pois que as terras hoje de sua propriedade,- foram adquiridas dos Srs. LIZIDERIO BORGES e ARNOBIO PEREIRA; Que a declarante inclusive possui recibos destas terras; Que, atualmente, a declarante está devidamente registrada no Cadastro Geral de Contribuintes do Estado do Espirito Santo, sob nº 27.399.140/0001 07 com atividade de Comercio de Secos e Molhados e diante das constantes ameaças que vem sofrendo espera a qualquer momento perder o que tem. E nada mais disse, nada mais havendo foi encerrado os presentes que após lido vai devidamente assinado.Eu Escrivão - que datilografei e assino...x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.

AUTORIDADE:_____

DECLARANTE Jandira Pereira Canquini

E S C R I V Ã O:_____

Mod. 12

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRES APEES, DES. O.MS. 19 P.18

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
SUPERINTENDÊNCIA DA POLÍCIA CIVIL

FLS.

TÊRMO DE DECLARAÇÃO QUE PRESTA

LUIZ GONÇALVES DA SILVA

Aos dois dias do mês de maio do ano de mil novecentos e oitenta e onde se acha o Doutor Cap.PM SEBASTIÃO GONÇALVES PEREIRA-SUP. DE INVESTIGAÇÕES ESPECIAIS comigo escrivão adiante declarado, presente L U I Z G O N Ç A A L V E S DA S I L V A

filho de José Francisco da Silva
e de Josefa Gonçalves da Silva
natural de Minas Gerais
com 46 anos de idade
estado civil casado
com a profissão de Comerciário
residente Rua Principal s/n Caieiras Velhas-ES
trabalhando no endereço supra
e sabendo ler e..... escrever, o qual inquirido disse QUE Desde o ano de 1.972, o declarante reside em Caieiras Velhas pois que ali instalara-se após haver comprado terrenos das pessoas de MANOEL SIZENANDO e sua esposa Srª ZENILDA DOS SANTOS - SIZENANDO, JOSE PEREIRA DE OLIVEIRA, ANTÔNIO COUTINHO, MOACIR PEREIRA DA CONCEIÇÃO, MANOEL RODRIGUES e Que, o declarante após trabalhar na lavoura, no ano de 1.977 registrou uma firma em nome de sua esposa Srª CARMELITA DE MELO SILVA tendo o comercio o nome de BAR E MERCEARIA ATLANTICA com CGC 27380658/0001-22 - funcionando no mesmo endereço de sua residência; Que, o declarante desde a data em que abriu as portas ao comercio sòmente agora ha cerca de aproximadamente um ano é que encontra-se receioso, pois que com o aparecimento de pessoas representantes da FUNAI, estes vivem incentivando aos indios e aquelas que as cerca de que tem que lutar para expulsar os brancos dali, pois que as terras são suas; Que, o declarante pode adiantar que tem no meio da comunidade indigena muito pouco elemento realmente descendente do indio a maioria das pessoas se apresentaram como indios quando de uma listagem de pessoas ligados a FUNAI alegando oferecer melhoria aos que fosse indios, assim, aquelas - que se registraram são tidos como indidos, na esperança de melhores condições de vida; Que, entretanto, alguns destes indios são operários de Firmas tais como Aracruz Celulose, Aracruz Florestal, Prefeitura e outros são pedreiros, carpinteiros, enfim

Têrmo de Declaração que presta

Mod. SSP-PC-011

Luiz Gonçalves da Silva

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRESAPEES, DES.O.MS. 19
P.19

carpinteiros, enfim, a maioria deles tem ritimo de vi
da igual ou melhor que os que êles dizem serem brancos;
que, o declarante sabe inclusive que diversos dêles são
aleitores tendo documentos igual aos cidadãos comuns;
Que, após a invasão de elementos da FUNAI criando um -
Posto onde segundo êles ápara garantir a vida e os di-
reitos dos indios, as coisas complicaram-se e a partir
de então, os indios apresentam-se agressivos e até mes
mo fazendo uso de armas; Que, o declarante pode ainda
esclarecer que os elementos representantes da FUNAI ao
invés de procurar instruir aos indios encaminhando-os
à sociedade, vivem insinuando que os direitos dos indios
são infinitos e que êles tem inclusive o direito de m a-
tar pois todo e qualquer indio pode matar sem ser adme-
ntado o caso um branco venha ferir um indio, os repre-
sentantes da FUNAI os enquadra da Lei de Segurança Nacio
nal; Que, o cidadão JEORGINO MARTINS FAGUNDES, represen
tou o Posto da FUNAI por quatro meses, sendo responsá-
vel pela situação atual, pois que êle reunia todos a
fazia questão que os indios participassem ativamente de
seus direitos, direitos estes que o declarante desconhece
Que, dentre inumeras arbitrariedades do sr. Fagundes, êle
encaminhou a sua esposa um Oficio dando-lhe prazo de 60
sessenta dias para fechar seu Comercio; Que, tal Oficio
nesta oportunidade o declarante faz juntada em xerox; Que,
atualmente o representante do Posto da FUNAI o MOACIR COR
DEIRO DE MELO e este procura manter a rivalidade que foi
criada por Fagundes e os indios pacatos de outrora, hoje
vivem de facas e facões procurando infernizar a vida dos
residentes em Caieiras Velhas; Que, os proprios elementos
da FUNAI com um grupo de indios e até mesmo o CACIQUE SI
ZENANDO arrebentaram as portas da Escola, do Posto Medico
e da Creche colocando outras trancas e a partir de então
sòmente têm acesso a estes estabelecimentos, pessoas liga
das aos indios; Que, este mesmo pessoal é responsavel pelo
pichamento que se vê nestes estabelecimentos; Que, o de-
clarante deseja ainda apresentar que é constante em Caei-
ras Velhas a presença de elementos da Policia Federal tan
do a frente a pessoa do Dr. Durval -Delegado Federal, que
de certa forma, procura também ameaçar aos comerciantes
tendo inclusive determinado ao declarante que não podia
comerciar com bebidas alcoólicas, fazendo com que a renda
do comercio caisse, pois que o declarante vendo as cons-
tantes ameaças, retirou toda bebida da prateleira escon-
dendo-as; Que, diante desta situação, sua freguezia tem
caido muito e hoje, além destes prejuizos, os indios ame
açam invadir a qualquer instante seu comercio; Que, após
invadirem os estabelecimento de ensino, elementos da FU

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRESAPEES DES.0.N5.19 P.20

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Continuação das declarações de LUIZ GONÇALVES DA SILVA... Fls 02

invadirem os estabelecimento de ensino, elementos da FUNAI passaram a incentivar aos indios para retomarem suas terras, terras essas que nem êles sabem onde ficam; Que, como o declarante, existem a maioria dos posseiros que estão ali ha mais tempo que os proprios indios, pois os indios de hoje existentes em Caieiras Velhas, são criundos de Minas Gerais e até mesmo do Ceará; Que, antes da criação do Posto da FUNAI, todos trabalhavam e viviam em harmonia e depois deste Posto, tudo modificou-se; Que, por duas vêzes chegaram em Caieiras Velhas elementos estranhos e procuraram diversos elementos que se dizem indios, dando-lhe importâncias em dinheiro - que variavam de Cr$ 1.000,00 a Cr$ 2.000,00 (Hum e dois mil cruzeiros) para se passarem como indios, uns saltavam balaios às costas e num beta eram fotografos , outros entravam na lama demonstrando serem indios e da mesma forma eram fotografados e após recebiam dinheiro e faziam fogos no povoado; Que, hoje, os elementos que tem comercio em Caeiras Velhas estão ameaçados de a qualquer momento verem suas casas invadidas, pois o que se fala em Caeiras Velhas é que por determinação da FUNAI no dia 08 de maio corrente as terras dos indios serão demarcadas e os comercios serão desocupados, pois que a partir de então, sòmente indio ira morar digo, sòmente indio ira morar naquele Povoado; Que, antes desta povoado situação, uma funcionária da FUNAI passou por aquele povoado selecionando os indios e naquela oportunidade, todos eram obrigados a se passarem por indios e sòmente os que viviam mais distantes destes indios é que não assinaram os papèis e os que assinaram, são hoje tidos como indios; Que, as pessoas que se dizem indios tem exigencias absurdas, isto porque, representantes da FUNAI vivem incentivando para lutar por algo que êles nunca tiveram; Que, é de conhecimento do declarante que o Posto da FUNAI tem certa quantidade de armas tipo fuzil entretanto, o declarante não as viu; Que, o declarante entretanto pode adiantar que os elementos da FUNAI portam armas inclusive a patente;Que, nesta oportunidade o declarante pede garantias de vida para si e sua familia, pois - que, com as ameaças por parte de representantes da FUNAI e dos indios a qualquer momento, o declarante acredita numa cena sangrenta isto porque, o atual representante da FUNAI MOACIR CORDEIRO diz em voz alta que naquele povoado onde encontra-se a reserva indigena quem manda é a FUNAI através de sua pessoa e não vê homem mais que êle e nem fôr preciso, este armado em condições de defesa aos indios e os brancos serão retirados dali nem que seja preciso o uso de armas. Que, assim, o declarante está em apuros, pois que tem

continua.....

Luiz Gonçalves da Silva

Original legível
Original difficult to read
0077

BRESAPEES, DES.O.MS.19
p.21

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

continuação das declarações de LUIZ GONÇALVES DA SILVA... Fls 03

está em apuros, pois que tem uma quantia elevada em generos alimen ticios e caso haja qualquer invasão seus bens estão na eminência de saque; Que, o declarante esclarece que caso haja necessidades, outros elementos também residentes no povoado de Caeiras Velhas estão em condições de fortalecerem estas suas declarações e oferecerem ou tros detalhes que porventura o declarante não se recorde nesta oportunidade. E nada mais disse, nada mais havendo foi encerrado os presentes que após lido vai devidamente assinado. Eu Escrivão que datilografei e assino.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x

AUTORIDADE: _____

DECLARANTE: Luiz Gonçalves da Silva

ESCRIVÃO: _____

Mod. 12

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BR ES APEES, DES. O. Ms. 19
p. 22

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
SUPERINTENDÊNCIA DA POLÍCIA CIVIL

FLS.

TÊRMO DE DECLARAÇÃO QUE PRESTA

JOVACI ALVES

Aos dois dias do mês de maio do ano de mil novecentos e Oitenta e onde se acha o Doutor Cap. PM SEBASTIÃO GONÇALVES PEREIRA- SUP. DE INVESTIGAÇÕES ESPECIAIS comigo escrivão adiante declarado, presente J O V A C I A L V E S

filho de Pai Ignorado
e de Francisca Alves
natural de Teofilo Othoni- M.Gerais
com 38 anos de idade
estado civil solteiro
com a profissão de Encarregado de Obras
residente Rua Principal s/n Caeiras Velhas-Aracruz -ES
trabalhando Coqueiral-Aracruz - ES
e sabendo ler e..... escrever, o qual inquirido disse QUE O declarante oriundo de Governador Valadares chegou para Aracruz ha pouco mais de dois anos e meio; Que, a fim de instalar-se na lavoura, o declarante adquiriu da pessoa de NILDO CAVACHINI uma area de terra e durante pouco mais de seis meses, - sentivera um açougue naquele povoado de Caeiras Velhas; Que, - não tendo êxito no cometeio, o declarante passou a trabalhar em construção civil e atualmente trabalha em Coqueiral estando ainda residindo em Caieiras Velhas; Que, no primeiro ano de sua vida em caeiras Velhas, tudo transcorreu com naturalidade, entretanto, após a chegada de elementos ligados a FUNAI, aquele povoado se transformou e hoje, instruídos por elementos da FUNAI os indios e posseiros ligados a êles vivem ameaçando a todos querendo a todo - custo retirarem dali os comerciantes e pessoas que vivem alheios a êles; Que, para exemplificar aos indios, a propria FUNAI invadira uma casa onde hoje funciona o Posto naquele local e a seguir apoiara aos . digo. apoiara aos indios para que danificassem as fechaduras da Escola, do Posto Medido e de Creche onde através do Porto da FUNAI foi colocado fechadura nova e hoje, sòmente pessoas indias ou os que os serem é que podem assistir aulas e serem medicados pelo Posto ; Que, o Porto da FUNAI no povoado de CAIEIRAS VELHAS tem mais ou menos seis (6) meses de existência; Que, anteriormente estivera ali representado a FUNAI o sr. JEORGINO MARTINS FAGUNDES que inclusive insinuou aos indios que tinham que

Têrmo de Declaração que presta

Mod. SSP-PC-011

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRES APEES, DES.O.MS.19
P.23

insinuou aos indios que brigassem por seus direitos e a todo momenttdigo, e a todo momento, alegava que os indios tinham o direito de até mesmo matar enquanto que se acaso um branco os ferisse seria enquadrado na Lei de Segurança Nacional; Que, a partir de então, os indios e os elementos que os cercam passaram a ter certas liberdades pois segundo êles não temem nada estando garantidos pela FUNAI; Que, atualmente o representante da FUNAI é MOACIR CORDEIRO DE MELO e êle vive alertando aos posseiros proprietários de terras que a qualquer momento terão que se afastarem dali sem terem o direito a retirarem nada, pois que ali é area indigena e os indios é que vão viver ali; Que, quando os posseiros ameaçam tomar qualquer iniciativa para resguardar seus bens, os elementos da FUNAI os ameaçam alegando que é melhor não resistirem,- pois que tem gente de grande influência por detrás das coisas e não existe possibilidades de resistência por parte dos posseiros; Que, é do conhecimento do declarante que os elementos da FUNAI andam armados e êles proprios insinuam aos indios- a andarem em condições de se defenderem; Que, o declarante sabe através dos proprios indios que êles tem certa quantidade de Fuzis aguardando a hora da demarcação de suas terras que será dia 0º de maio do corrente, isto até mesmo sem consentimento da FUNAI dizem êles, pois estão com todas garantias Federais; Que, o declarante tem conhecimento das constantes visitas de elementos da Policia Federal naquele Povoado tendo a frente o Dr. DURVAL - Delegado de Policia Federal; Que, no Postomda FUNAI de quando em vez comparecem pessoas de mais influência na FUNAI tais como Advogados e até Delegados da FUNAI e os propositos são mesmo de retirarem os posseiros daquele local; Que, apezar de serem tradidos como - posseiros, o declarante e muitos outros tem recibos de todos os terrenos que explóram e por conseguinte são proprietários. E nada mais disse, e como nada mais lhe foi perguntado, lido e achado conforme, vai devidamente assinado.Eu Escrivão que datilografei e assino.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x

AUTORIDADE: _____

DECLARANTE [signature]

ESCRIVÃO: _____

Original legível
Original difficult to read
0077

DARCY RIBEIRO

"A situação dos índios brasileiros me envergonha"

O antropólogo Darcy Ribeiro esteve em Vitória participando do ciclo de debates "Marginalidade e Literatura", promovido pela Sub-Reitoria Comunitária da Ufes, Diretório Central de Estudantes e Departamento Estadual de Cultura.

Ex-chefe da Casa Civil e ministro da Educação do Governo João Goulart, na sua palestra de segunda-feira passada Darcy Ribeiro falou sobre seu livro, **Maira** ("tive que [illegible] de um índio para exprimir meus sentimentos"), sobre a situação indigenista, de Glauber Rocha e da educação brasileira.

"O BRASIL É UM PAÍS PARA OS BONITOS, OS BRANCOS E OS EXPLORADORES"

Darcy Ribeiro: "A atuação do governo brasileiro junto aos índios é etnocida e genocida."

Darcy Ribeiro: "A educação, no Brasil, consegue ser pior do que a do Paraguai".

Entrevista a Glacy Coutinho

A GAZETA — O senhor é antropólogo por formação e sempre esteve ligado ao índio. Como era a situação do índio antes do seu exílio e como é a situação do mesmo índio hoje?

Darcy Ribeiro — Mal. O índio vai muito mal. A situação piorou [illegible]. Eu me lembro que anos atrás, em 54, por exemplo, estive na Europa, na Organização Internacional do Trabalho, em Genebra, na Suíça levando o [illegible] brasileiro. Estive levando o pensamento de Rondon. Levando aquela diretiva dele de manter se preciso for, matar nunca". Ou seja: mesmo indo ao encontro de grupos indígenas para ampliar as linhas telegráficas, mesmo atacado, a tropa [illegible] ele não permitia reação [illegible] porque [illegible] um [illegible] do [illegible]. E ele protegia, dando [illegible] direito de ser índio, assegurando a cada um o pedaço de terra para ele viver. Então, você vê que coisa triste para mim que tive que voltar agora. Há um [illegible] a Holanda, como membro do Tribunal Bertrand Russel.

A GAZETA — Quantos índios [illegible] no Brasil?

Darcy Ribeiro — Os índios eram seis milhões e agora são pouco mais de 250 mil, ou 200 mil. Como é que esses poucos que vivem tão pouco, com um pedacinho de terra para viver com respeito para serem eles mesmos, como [illegible] ele escreveu aqui no Espírito Santo. E depois dessa brutalidade, esses coronéis querem ainda continuar, para obrigar o índio a não ser índio. Então, a situação dos índios é muito feia. Isso me envergonha, me entristece muito e é preciso que cada brasileiro, cada pessoa reclame. Cada vez que se tenha uma oportunidade reclamar isso. Não há qualquer posição entre os interesses nacionais e o dos índios. A posição é um saco azinho que está ali junto deles e quer estender suas terras contra os índios. É a violência local. É essa violência estúpida da brutalidade que avassalou o País e que ainda está encastelada nos pontos como a Funai.

A GAZETA — Uma vez conversou o Ademar Ribeiro da Silva, sobre quem se dizia na época que iria para a Funai. E eu perguntei o que ele faria na Funai. Ele me disse que se não pudesse proteger o índio, ele se demitiria. E se demitiu.

Darcy Ribeiro — Ele se retirou da Funai envergonhado. Foi o último diretor de boa qualidade que esteve por lá. Antes dele e depois dele só tem havido coroneis brutos. Que odeiam os índios. É incrível, não é? Com toda a opinião pública nacional e internacional contra. E porque esse governo é tão insensível com uma coisa dessas! E que gente mais tacanha e cruel!

A GAZETA — O senhor conhece a situação dos índios do Espírito Santo? Dos tupiniquins e guaranis daqui?

Darcy Ribeiro: Este não é um país para o seu povo. É um país para os ricos, para os bonitos, para os exploradores.

que a Alemanha. Tem 10 vezes menos florestas do que a Alemanha, a França tem 10 vezes mais parques florestais do que essa zona. Então, é uma crueldade. E essa boçalidade aqui se exerceu também contra os índios.

A GAZETA — Os Aimorés...

Darcy Ribeiro — Os Aimorés e os Crenaques. Havia uma nação aqui que se chamava Crenaques. Pois bem: desses Crenaques, o último grupo que sobreviveu foi a primeira aproximação passiva em 1918. Ou seja, em 1918 ainda índios botocudos com arco e flecha desses que se encontram agora no Xingu. Eles estavam aqui.

A GAZETA — E a região de Linhares era território botocudo?

Darcy Ribeiro — A história dos índios aqui é muito trágica. Anchieta, com a brutalidade de um lado. Por outro lado, quando D. João VI veio para cá, [illegible] decretou guerra [illegible] índio. Foi o primeiro ato que [illegible] promulgou. E essa guerra era aos índios do Espírito Santo. E como ele decretou uma guerra justa, porque os índios eram hostis, quem quer que tocasse no ombro de um índio ele seria seu escravo para o resto da vida. O terceiro episódio é que esses índios Crenaques que ainda sobreviveram em 1918 e foram pacificados por

"Glauber era um homem que o Brasil não soube amparar,

transformada em sepcemia, coisa que até em Montes Claros se consegue tratar. Não sei como em Lisboa conseguem matá-lo. Porque ele chegou praticamente morto.

A GAZETA — A doença dos pobres do Terceiro Mundo.

Darcy Ribeiro — Todos nós estamos muito perplexos com isso. E a perda do Glauber é dessas perdas únicas, porque um povo precisa existir durante anos e mil anos, e às vezes pode não produzir nunca uma figura genial. E de repente surge uma figura genial como a do Glauber e o Brasil não lhe deu as oportunidades que precisava aqui, os meios que precisava ter. Eu me pergunto: ele estava em Lisboa e diagnosticou-se lá? E por que não foi para Paris, um lugar que tem melhores recursos, onde ele tinha tantos amigos. Por que veio para cá, para tratar-se? Será que não [illegible] por falta de dinheiro? Então, tudo isso me deixa muito triste. A morte dessa figura genial. Você vê, não há cinemateca do mundo que não tenha as obras do Glauber. Naturalmente, a cidade de Vitória não tem.

A GAZETA — Na verdade, nós não temos nem cinemateca.

Darcy Ribeiro — Pois tratem de ter as obras do Glauber em cópias para que se possa saber. Glauber é a grande voz do Terceiro Mundo. Uma voz respeitada no mundo inteiro. Glauber é falado. Eu encontrei Glauber em Paris, em Montevidéu, em Roma, em Lima, em Buenos Aires, em Santiago. E sempre aquele fulgor, [illegible] inquietação incrível louco fizer que esse país não deu certo? Por exemplo, toda a mediocridade que está aí nas universidades, os advogados, jornalistas, engenheiros, etc., não estão aí para louvarem pequenas façanhas: "Que beleza, um país de 120 milhões de habitantes, que maravilha". Porque nós somos o maior país da América Latina, o dobro da população da França, o dobro da população da Itália. Mas... maior em quê? Em tonelagem de carne humana com fome. Pois é esse lado que nunca se fala. E ter a coragem de falar isso é que os medíocres tinham de loucura. E quando o Glauber fala isso, afirma isso e exibe isso, é louco. E o Glauber vive também no diapasão do desespero e da esperança, qualquer sinalzinho de esperança. Por exemplo, a idéia de que essa ditadura pudesse fazer alguma coisa fecunda. Eu tenho uma idéia que é uma ditadura militar que, por seu sentido brutal, por sua próp. a natureza é uma coisa feita para os ricos. É uma coisa para impedir o povo de se manifestar, então esperar que ela melhore é uma ilusão. Mas o Glauber era capaz. Ele era tão desesperado que o desespero dele virava esperança. Ele me dizia: "Darcy, por que que esse Geisel, com tanto poder, não dá uma dentro? Podia dar".

A GAZETA — O Zelito Viana disse que a morte do Glauber é capaz de promover a unidade dos cineastas brasileiros. O senhor acha isso possível?

Darcy Ribeiro — Pelo menos no enterro dele todos estavam lá: os

A GAZETA — Olha que precisa fazer um esforço, hein?

Darcy Ribeiro — É preciso mesmo fazer um esforço para a educação popular ser pior do que a paraguaia. Pior do que a boliviana. E é pior.

A GAZETA — Como é que se consegue isso?

Darcy Ribeiro — É de se perguntar mesmo como é que se consegue esse milagre de ser tão ruim em educação. E consegue. E qual é a causa disso? Você vê em qualquer lugar do mundo, a criança precisa de uns 220 a 250 dias de aula por ano. Precisa de seis horas de aula por dia para aprender a ler, escrever e contar. Um menino francês, soviético, norte-americano ou cubano necessita de seis horas de atenção da professora por dia para isso.

O Brasil tenta fazer isso com três horas e até duas horas e meia. O que significa isso? A escola pressupõe que as crianças têm alguém em casa que não precisa trabalhar, para ficar tomando conta do menino e que esse alguém tem o curso primário completo, que possa estudar com a criança. Olha, isso acontece com quantas famílias? 90% das famílias brasileiras de hoje não

Como era a situação do índio antes do seu exílio e como é a situação do mesmo índio hoje?

Darcy Ribeiro — Mal. O índio vai muito mal. A situação piorou muito. Eu me lembro que anos atrás, em Sá, por exemplo, estive na Europa, na Organização Internacional do Trabalho em Genebra, na Suíça levando o pensamento brasileiro. Estive levando o pensamento de Rondon. Levando aquela diretiva dele de "morrer se preciso for, matar nunca". Ou seja: mesmo índio ao encontro de grupos indígenas para ampliar as linhas telegráficas, mesmo atacado, a tropa que atacada ele não permitia revidar o ataque dos índios, porque [illegible] do índio. E ele protegia, dava ao índio o direito de ser índio, assegurando a cada um o pedaço de terra para ele viver. Então, você vê que coisa triste para mim que tive que voltar agora. Há um ano a Holanda, como membro do Tribunal Bertrand Russel.

A GAZETA — Quantos índios existem atualmente no Brasil?

Darcy Ribeiro — Os índios eram seis milhões e agora são pouco mais de 250 mil, ou 200 mil. Como é que esses poucos que vivem tão pouco, com um pedacinho de terra para viver com respeito para serem eles mesmos, como esses poucos são tão desprotegidos, tão perseguidos?

A GAZETA — O senhor acha que com a subida do regime militar ao poder, a situação dos índios piorou?

Darcy Ribeiro — De todo este período de ditadura que nós atravessamos, esta noite negra de tortura ela deixou muitas provas de violência e ela deixou na Funai uma quantidade louca de gente da maior periculosidade. São os coronéis aposentados que acham que podem, a toque de caixa, obrigar os índios a não serem índios. Quer dizer, querem tentar o que Anchieta tentou aqui. A brutalidade missionária original que perseguia os índios a ferro e fogo e Anchieta apelando para o governador geral Mem de Sá para que o braço secular subjugasse os índios antes que eles fossem convertidos. Razão pela qual Anchieta nunca pode ser santo. Nunca alcançou o grau de Santo, porque aqui na cidade de Vitória ele escreveu aqueles versos puxando o saco de Mem de Sá e pedindo para matar mais índios.

A GAZETA — A "Ode a Mem de Sá".

Darcy — É isso mesmo, "Ode a Mem de Sá" pedindo para matar mais índios, onde ele dizia "160 aldeias incendiadas". Isso envergonha, me entristece muito e é preciso que cada brasileiro, cada pessoa reclame. Cada vez que se tenha uma oportunidade reclamar isso. Não há qualquer posição entre os interesses nacionais e o dos índios. A posição é um sacanazinho que está ali junto deles e quer estender suas terras contra os índios. É a violência local. É essa violência estúpida da brutalidade que avassalou o País e que ainda está encastelada nos pontos como a Funai.

A GAZETA — Uma vez entrevistei o Ademar Ribeiro da Silva, sobre quem se dizia na época que iria para a Funai. E eu perguntei o que ele faria na Funai. Ele me disse que se não [illegible] demitiria. E se de fato.

Darcy Ribeiro — Ele se retirou da Funai envergonhado. Foi o último diretor de boa qualidade que esteve por lá. Antes dele e depois dele só tem havido coronéis brutos. Que odeiam os índios. É incrível, não é? Com toda a opinião pública nacional e internacional contra. E porque esse governo é tão insensível com uma coisa dessas! E que gente mais tacanha e cruel!

A GAZETA — O senhor conhece a situação dos índios do Espírito Santo? Dos tupiniquins e guaranis daqui?

Darcy Ribeiro — Não. Aqui no Espírito Santo, a zona de todo o vale do Rio Doce foi uma das zonas mais catastroficamente tratadas do mundo. De Minas Gerais e do Espírito Santo, nos últimos 50 anos aqui existia a área de florestas mais exuberante da terra. A floresta original daqui era três vezes mais exuberante do que a da Amazônia, pela grosura das árvores, por sua altura. Os naturalistas mais importantes sempre trataram a floresta do Espírito Santo como a amostra, o grande florescimento da floresta Atlântica. Pois bem, em todos esses anos, esses 50 anos, nós vimos toda essa floresta ser derrubada a fogo. Derrubada com caixa de fósforo e fazendeiro brutal, boçal, que derrubava para transformar em capinzal, pensando que ia criar um gado que ainda não tinha. Você passa por aí, a mata está derrubada, você vê o capinzal, mas o gado é muito pouco. Há pouco tempo, depois de fazer uma viagem pela Alemanha e pela França, percorri de carro toda a Rio-Bahia. E passei em 1200 quilômetros de zona que tinha sido de mata. Pois bem, essa zona da Rio Bahia, que é o caso do Espírito Santo, também, tem menos florestas do

Darcy Ribeiro: "Nossa escola primária é elitista".

exerceu também contra os índios.

A GAZETA — Os Aimorés.

Darcy Ribeiro — Os Aimorés e os Crenaques. Havia uma tribo aqui que se chamava Crenaque. Pois bem: desses Crenaques, último grupo que sobreviveu na primeira aproximação passiva em 1918. Ou seja, em 1918 havia índios botocudos com arco e flecha desses que e encontrei agora no Xingu. Eles estavam aqui.

A GAZETA — E a região de Linhares era território botocudo?

Darcy Ribeiro — A história dos índios aqui é muito trágica. Anchieta, com a brutalidade de lá de um lado. Por outro lado, quando D. João VI veio para o Brasil [illegible] guerra [illegible] índio, foi o primeiro ato que [illegible] promulgou. Essa guerra era aos índios do Espírito Santo. E como ele decretou uma guerra justa, porque os índios eram hostis, quem quer que tocasse no cabelo de um índio ele seria seu escravo para o resto da vida. O terceiro episódio é que esses índios Crenaques que ainda sobreviveram em 1918 e foram pacificados por Rondon foram todos exterminados.

> "Glauber era um homem que o Brasil não soube amparar, não soube compreender, não soube aproveitar".

A GAZETA — E, de crenaque por aqui só existe uma estação da estrada de ferro da Vale do Rio Doce.

Darcy Ribeiro — Pois é, estes índios eram uma tribo enorme e eles foram exterminados, suas terras negociadas. Os remanescentes foram levados para Minas Gerais. E ha uma porção de sacanagens desde o antigo SPI até a Funai agora. E ainda agora os que restaram uma família Crenaque ou duas foram levadas de volta pela Funai para o Posto Maxacali, em Minas Gerais, onde eles não conseguem se adaptar. Essa é a situação dos índios do Espírito Santo.

A GAZETA — E estes índios que estão aqui em Caieiras Velhas. Os tupiniquins e guaranis.

Darcy Ribeiro — Eu não conheço. Eu sei que tem um grupo aí. Mas eu não conheço.

A GAZETA — O senhor acabou de vir do enterro do cineasta Glauber Rocha. Em uma entrevista que Glauber deu no ano passado a Heloísa Buarque de Holanda, onde ele diz: "Darcy Ribeiro é um filósofo, um criador e um inventor de civilizações novas, que tem pique revolucionário". Como o senhor vê Glauber Rocha.

Darcy Ribeiro — Ontem eu fui levar Glauber Rocha para enterrar. Fiz a oração fúnebre de despedida do Glauber. Olha, o Glauber era simplesmente o gênio que nos tínhamos. Aliás, nós ainda temos um Oscar Niemeyer. Glauber era um homem imenso que o Brasil não soube amparar, não soube compreender, não soube aproveitar. E que morre dessa forma terrível, morre de pneumonia

A GAZETA — A doença dos pobres do Terceiro Mundo.

Darcy Ribeiro — Todos nós estamos muito perplexos com isso. E a perda do Glauber é dessas perdas únicas, porque um povo precisa existir durante anos ou mil anos, e às vezes pode não produzir nunca uma figura genial. E de repente surge uma figura genial como a do Glauber e o Brasil não lhe deu as oportunidades que precisava aqui, os meios que precisava ter. Eu me pergunto: ele estava em Lisboa e foi diagnosticou-se lá? E por que não foi para Paris, um lugar que tem melhores recursos, onde ele tinha tantos amigos. Por que veio para cá, para tratar-se? Será que não foi falta de dinheiro? Então, o Brasil isso me deixa muito triste. A morte dessa figura genial. Você vê, não há cinemateca do mundo que não tenha as obras do Glauber. Naturalmente, a cidade de Vitória não tem.

A GAZETA — Na verdade, nós não temos nem cinemateca.

Darcy Ribeiro — Pois tratem de ter as obras do Glauber em cópias para que se possa saber. Glauber é a grande voz do Terceiro Mundo. Uma voz respeitada no mundo inteiro. Glauber é falado. Eu encontrei Glauber em Paris, em Montevidéu, em Roma, em Lima, em Buenos Aires, em Santiago. E sempre aquele fulgor, aquela inquietação incrível, aquela coragem moral incrível também. Discordamos um do outro em mil coisas, mas eu tinha sempre o que aprender com o Glauber. Eu disse no enterro: "É uma coisa muito trágica essa fatalidade. Nós, os velhos, enterrando os jovens. Nós, os medíocres, estamos enterrando um gênio. Ele, se tivesse mais um ano ou dois anos de vida, teria muito mais a fazer do que todos que estavam ali. Todos os cineastas que estavam ali. Todos. E eles sabem disso. Não há dúvida, todos sabem que é a verdade. Mas é um governo péssimo, um país atrasado e um homem como Glauber nunca teve os recursos que um homem da qualidade dele precisava para continuar.

A GAZETA — E mesmo sem recursos ele fez coisas incríveis.

Darcy Ribeiro — Algumas pessoas têm a mania de dizer que de alguns filmes do Glauber o público não gosta. Mas me disseram na França: os filmes do Glauber, quem viu não esquece mais. Ele era a voz do nosso tempo. Alguém me disse Glauber viveu como um homem que não tivesse pele, com a carne exposta. Ele tinha uma enorme capacidade de amar, de sofrer, de chorar e de se indignar. Nós todos devíamos estar cheios de indignação por ter tanta gente com fome, tanta tente com a boca podre, tanta gente sem educação, tanto menino convertido em analfabeto do futuro. Agora, o Glauber tinha a capacidade de encarnar essa dor de que o Brasil não tenha dado certo. De que seja esse País tão cruel para o seu povo e tão lucrativo para a canalha, tão lucrativo para os ricos, tão lucrativo para as multinacionais e tão perverso para com seu próprio povo.

A GAZETA — As pessoas e alguns intelectuais tinham preconceito contra ele, o consideram louco.

Darcy Ribeiro — Todo gênio é meio louco. Essas coisas que eu estou lhe dizendo são coisas loucas. Por exemplo, não é

[illegible] para [illegible] pequenas façanhas: "Que beleza, um país de 120 milhões de habitantes, que maravilha". Porque nós somos o maior país da América Latina, o dobro da população da França, o dobro da população da Itália. Mas... maior em quê? Em tonelagem de carne humana com fome. Pois é esse lado que nunca se fala. E ter a coragem de falar isso é que os medíocres tinham de loucura. E quando o Glauber fala isso, afirma isso e exibe isso, é louco. E o Glauber vive também no diapasão do desespero e da esperança, qualquer sinalzinho de esperança. Por exemplo, a idéia de que essa ditadura pudesse fazer alguma coisa fecunda. Eu tenho uma idéia que é uma ditadura militar que, por seu sentido brutal, por sua própria natureza é uma co a feita para os ricos. É uma coisa para impedir o povo de se manifestar, então esperar que ela melhore é uma ilusão. Mas o Glauber era capaz. Ele era tão desesperado que o desespero dele virava esperança. Ele me dizia: "Darcy, por que que esse Geisel, com tanto poder, não dá uma dentro? Podia dar".

A GAZETA — O Zelito Viana disse que a morte do Glauber é capaz de promover a unidade dos cineastas brasileiros. O senhor acha isso possível?

Darcy Ribeiro — Pelo menos no enterro dele todos estavam lá: os que falavam bem e que falavam mal. É possível que seja esse o momento de unidade.

A GAZETA — E o colonialismo cultural aqui no Brasil? Isso tem jeito?

Darcy Ribeiro — Ter jeito, tem. Porque qualquer povo e também o povo brasileiro tem lá seus mecanismos de defesa. Você imagina: se não fossem esses mecanismos? Com a televisão cobrindo o país inteiro e bombardeando de informação e desinformação, todos nos estaríamos com a mentalidade colonialista.

A população continua apegada à idéia de Getúlio, do trabalhismo, à idéia de Jango, que era um presidente gentil e cordial democrático e com o sentimento que era popular e que ele não caiu, que foi derrubado do poder. Que não foi derrubado por seus defeitos, foi derrubado por suas qualidades. Foi derrubado porque estava tentando fazer uma reforma agrária e porque estava tentando controlar as multinacionais. Então, os ricos se associaram para derrubá-lo. E essa idéia popular ficou lá, apesar de todo o bombardeio.

A GAZETA — Mas, no mínimo, o conformismo é divulgado.

Darcy — É claro que é uma coisa trágica quando você vê que se difunde no Brasil, com os enlatados, toda uma série de posturas culturais e de valores que não correspondem ao do nosso povo. E a oportunidade de que a nossa própria cara, de que as nossas próprias características se exibam é muito pequena. Mas mais grave ainda do colonialismo cultural pelos enlatados ou pela literatura feita dos best-sellers estrangeiros, muito mais editados que os autores nacionais, mais grave ainda do que tudo isso é o fracasso de nós mesmos em realizarmos coisas tão simples, como dar uma educação popular decente. A educação no Brasil é pior do que a educação popular do Paraguai.

A GAZETA — Como é que se consegue isso?

Darcy Ribeiro — É de se perguntar mesmo como a que se consegue esse milagre de ser tão ruim em educação. E consegue. E qual é a causa disso? Você vê em qualquer lugar do mundo, a criança precisa de uns 220 a 250 dias de aula por ano. Precisa de seis horas de aula por dia para aprender a ler, escrever e contar. Um menino francês, soviético, norte-americano ou cubano necessita de seis horas de atenção da professora por dia para isso.

> Darcy Ribeiro: Este não é um país para o seu povo. É um país para os ricos, para os bonitos, para os exploradores.

O Brasil tenta fazer isso com três horas e até duas horas e meia. O que significa isso? A escola pressupõe que as crianças têm alguém em casa que não precisa trabalhar, para ficar tomando conta do menino e que esse alguém tem o curso primário completo, que possa estudar com a criança. Olha, isso acontece com quantas famílias? 90% das famílias brasileiras de hoje não têm essa pessoa à toa em casa. Então, a escola primária é elitista. Ela é feita para menino rico. A função geral que cumpre a escola primária é a de provar para o menino pobre que ele é pobre, é burro. Porque o menino rico chega lá e passa de ano. E ele não passa nunca de ano. Ou seja: nós estamos produzindo agora os analfabetos do futuro. O que eu digo às vezes de brincadeira é que nós temos agora produtos de exportação e que podemos até ganhar dinheiro no ano 2.000. Fazer paradas de milhões de analfabetos que o mundo virá ver. Milhões de analfabetos adultos com aquelas caras feias de bocas podres. Porque as crianças que deveriam estar nas escolas agora, com seis anos, que deveriam ser caçadas e carinhosamente levadas à escola não estão sendo levadas à escola. Em qualquer lugar do mundo, na França por exemplo, uma criança que é encontrada na rua entre 7 e 16 horas o policial se aproxima dela e pergunta o que ela está fazendo e a leva para a delegacia, não para bater, violentar. Leva para que o pai vá buscar. Na terceira vez o pai fica lá e vai falar com o juiz, para explicar porque a criança não está na escola. Porque quando ela não está na escola, ela está virando o que? Trombadinha, delinquente. A grande história da criança brasileira é ado delinquente juvenil, da criança disputando lixo para comer. É um... vergonha que seja assim e não tem razão de ser assim. Isso não tem que importar nada. Professora primária é coisa barata de fazer, você pode produzir em grande quantidade. E a professora primária só precisa de giz, que é uma coisa barata. E uma casa. E isso não se dá às crianças do Brasil e não se dá por quê? Porque este país não gosta de seu povo. Esse país não é para o seu povo. Esse país é para os ricos, para os bonitos, para os exploradores.

SERVIÇO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

BRESAPEES,DES.CIMS.19 p.25

A GAZETA 14 MAIO 1981

Índios armados ameaçam a Funai

Agentes da Polícia Federal prenderam ontem, em Caieiras Velhas, no município de Aracruz, o representante do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Fábio Martins Vilas, acusado de estar promovendo agitação entre os índios tupiniquins e guaranis.

Segundo Zenira de Souza, mulher de Fábio, a prisão foi feita por agentes da Polícia Federal. A situação em Caieiras Velhas está tensa, com índios guaranis armados e dispostos a evitar que a Funai inicie a demarcação da área. Os tupiniquins, por sua vez, aceitam que o terreno seja demarcado.

A demarcação das terras indígenas em Caieiras Velhas foi iniciada ontem pela Funai, apesar do impasse. Acontece que as duas tribos que ocupam a reserva estão divididas. Uma, a dos tupiniquins — primeiros ocupantes da área — aceitou os limites impostos alegando que pelo menos agora vai ter suas terras registradas, ou seja, a posse definitiva. A outra, dos guaranis (ocupantes posteriores da reserva) não aceita as demarcações que estaria muito aquém do definido anteriormente pela Funai, inclusive, já demarcada pelos próprios índios.

Ontem, em Caieiras Velhas, o clima era tenso. Dezenas de índios guaranis estavam armados desde muito cedo de facões, foices, porretes e arcos, aguardando a chegada do delegado da Funai, na região, Carlos Roberto Gross, e mais alguns funcionários. A princípio eles chegaram a ameaçar a entrada da comissão. Depois, permitiram que o grupo aguardassem na entrada da reserva, enquanto os dois caciques, José Sizenando, tupiniquim, e João dos Santos, guarani, se reuniam para decidir obre a permissão ou não da demarcação das terras.

Mas, apesar dos caciques conversarem por mais de uma hora, não chegaram a um acordo. Diante do impasse, o cacique dos tupiniquins decidiu permitir a demarcação, já que sua tribo tem mais direitos sobre a terra da reserva. Os índios guaranis, prometeram, entretanto, não deixar a situação como está. Primeiro, afirmou, o cacique, eles vão recorrer legalmente para ver que direito podem ter a fim de impedir a demarcação. Mesmo que fique configurada a inexistência desse direito, eles prometem não respeitar as decisões do órgão, ignorando, os limites estabelecidos.

Ontem, o delegado da Funai não sabia informar precisamente qual a extensão da reserva dos índios. Segundo o cacique dos guaranis, entretanto, esta área deverá ser menor em cerca de 800 hectares, em relação à já demarcada por eles, que é de 2.700 hectares. Para eles, essa terra representa uma parte ínfima do que têm direito, o resto estaria ocupado por empresas, como a Aracruz Celulose.

Segundo os índios e representantes do Cimi, existe inclusive uma portaria ministerial de número 609/N, de oito de novembro de 1979, declarando como área de ocupação dos índios tupiniquins, localizados nos municípios de Aracruz e Linhares, ambos no Espírito Santo, as áreas denominadas Caieiras Velhas e Pau Brasil e parte da Ilha de Comboios, num total de 6.500 hectares.

O delegado da Funai, porém, desconhece essa portaria e afirma que o que está se tentando fazer é chegar a um acordo positivo para ambas as partes. "Principalmente porque — admite o delegado — esta área e a fábrica são de utilidade pública e ninguém pode negar a necessidade do progresso".

Uma outra reclamação dos índios — e que para o delegado da Funai é assunto definido — é a estrada que atravessa a reserva indígena. Para o delegado a estrada também é de domínio público, não podendo ser bloqueada. Carlos Roberto Gross explica ainda que os índios não serão prejudicados e que continuarão tendo suas terras para caçar, pescar e plantar. E que esta demarcação feita agora, pela Funai, seria definitiva. "A anterior — diz o delegado — não tinha nenhum valor jurídico".

Para o delegado, a situação está definida. Aos índios restaria 'raciocinarem sobre o que deixaram de ganhar, e não no que estão perdendo". Mesmo porque — acrescenta o delegado — o processo de aculturação é visível, e já que eles "se aproximam cada vez mais da comunidade, seria natural que cedam alguns de seus privilégios em benefício da coletividade. Uma coisa implica na outra", conclui o delegado da Funai.

A Polícia Federal prendeu Fábio Vilas (de barba) representante do Cimi

Original legível
Original difficult to read
0077

BRESAPEES, DES.O.MS.19
p.26

A GAZETA 14 MAIO 1981.

Foto de [illegible] Gonçalves

A Funai não informou qual será a extensão da reserva indígena

Guaranis rejeitam demarcação da Funai em Aracruz

A prisão do representante do Conselho Indigenista Missionário e a recusa dos índios guarani em aceitar a demarcação da reserva indígena, nas condições estabelecidas pela Funai, criaram uma situação de tensão em Caieiras Velhas. Porém os índios tupiniquim consideram que, mesmo aquém de suas pretensões, o registro das terras seria positivo.

Agentes da Polícia Federal prenderam Fábio Martins Vilas, do Cimi, acusando-o de agitar os índios. A demarcação das terras foi iniciada ontem. (Página 6)

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRES APEES, DES.O.MS.19 P.27

A GAZETA — VITÓRIA (ES), SEXTA-FEIRA, 15 DE MAIO DE 1981

Demarcação ainda não é aceita por guaranis

A equipe da Funai, que está demarcando a reserva indígena em Caieiras Velhas, Aracruz, pode enfrentar hoje conflito com os índios guaranis. A afirmação é do coordenador da Comissão Indigenista Missionária na região, Fábio Villas.

Os guaranis não estão aceitando a demarcação porque, segundo eles, os entendimentos sobre a limitação da reserva indígena foram feitos apenas entre a Aracruz Celulose e os tupiniquins, com a Funai recusando diálogo com a outra tribo.

A demarcação, que começou com a ameaça dos índios guaranis de impedirem a entrada dos representantes da Funai teve continuidade depois que o cacique dos tupiniquins, José Sizenando, decidiu que a delimitação da reserva seria feita de acordo com a área definida pela Funai. A determinação do cacique tem prioridade na questão porque sua tribo ocupa as terras há mais tempo. O líder dos guaranis, entretanto, não acatou a decisão, afirmando que o limite imposto pela Funai está muito aquém do que eles têm direito.

Os problemas podem ser agravados agora, segundo Fábio Villas, porque a partir de hoje começa a demarcação na área que ficou destinada aos guaranis — até então estavam sendo feitas medições na região dos tupiniquins, porque pretendem retirar os índios guaranis daquela reserva.

O que se pretende é que fiquem na reserva apenas os tupiniquins, que já são aculturados. Como existe um processo na Funai pedindo que eles sejam emancipados", disse Fábio Villas, "ficaria mais fácil para a Funai, posteriormente, dividir as terras em lotes, entre os ex-índios, ficando o restante para a Aracruz Celulose ou outra empresa qualquer".

"De qualquer forma", continuou o coordenador, "vai ser muito difícil para os índios sobreviverem naquela região, cercados pela usina nuclear que se pretende construir na área, pela Aracruz Celulose, por uma fábrica de canos submarinos e por uma comunidade que se pretende construir em Coqueiral, que se limitará com as terras dos guaranis e que, com toda certeza, despejará seus detritos dentro de uma lagoa que fica na reserva". Fábio Villas acredita que as terras da reserva, que estavam definidas em 2.700 hectares, passarão a 1.800.

Segundo o bispo-auxiliar de Vitória, dom Luiz Fernandes, é injusta a demarcação que a Funai está tentando impor aos índios. "Considero injusta porque ela foi feita ouvindo-se apenas uma das partes interessadas que é a tribo dos tupiniquins. E essa afirmação me foi feita pelo próprio delegado da Funai. Isto está errado, pois a demarcação de uma reserva indígena tem que ser feita em acordo d todos os índios que moram na região para que seja verdadeira". Para o deputado do PDS, Dílio Penedo, é bom que seja resolvido de uma vez o litígio existente na região.

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BRES APEES, DES.O.MS.19
p.28

A GAZETA 14/04/81

Funai garante demarcação de Caieiras Velhas ainda este mês

Com a promessa da Funai de que até o final do mês a reserva indígena de Caieiras Velhas — em Aracruz — será demarcada definitivamente, a Semana do Índio começou ontem em todo Estado, mas somente a partir de hoje é que serão desenvolvidas atividades ligadas ao tema nas escolas e comunidades capixabas. A programação da Funai será dirigida apenas à comunidade indígena de Caieiras Velha, onde haverá apresentação do congo e palestras na escola primária indígena.

Alunos do curso de geografia e história da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), apresentam hoje, no Campus, às 9 horas, filmes e slides sobre os índios. Amanhã à tarde vão a Caieiras Velha, no município de Aracruz, numa viagem de observação da cultura indígena. No decorrer dos próximos dias e após a Semana Santa os universitários participam de palestras nas escolas de primeiro e segundo graus.

DEMARCAÇAO

Divididos em três comunidades — duas tupiniquins e um guarani — vivem atualmente no Espírito Santo 602 índios na reserva de Caieiras Velha, Pau Brasil e Comboios, todas em Aracruz, numa área estimada em quatro mil hectares. Apesar do tamanho da reserva, eles sempre enfrentaram problema na demarcação de suas terras, também ocupadas pela Aracruz Celulose.

Depois que os próprios índios tomaram a iniciativa, no ano passado, de demarcar suas terras, parece que o problema está em vias de ser solucionado definitivamente. Depois de um acordo com a Aracruz Celulose, a demarcação definitiva ocorrerá até o final deste mês.

Pelo menos foi o que garantiu ontem o delegado regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), Roberto Grossi. Segundo ele, a situação está calma e até o final de abril a área já estará totalmente demarcada. Ele disse que em termos jurídicos a demarcação dos índios não tem validade porque não se sabe se está dentro da área limitada pelo órgão.

Pe. Pompeu defende o índio

Apesar dos tupiniquins e guaranis saírem perdendo no acordo com a Aracruz Celulose — a área anterior era maior — o professor de antropologia da Ufes, Celso Perota, disse que a definição do espaço dos índios no Espírito Santo é um ponto positivo. A outra conquista, segundo ele, foi a Funai considerar esses elementos indígenas, "o que não ocorria".

Em sua opinião, o grande problema dos índios hoje, em todo país, é a falta de marcação de suas terras que, pelo estatuto do índio, já deveria ter terminado desde 1978: "Mas até hoje várias reservas ainda não foram demarcadas e isso está acarretando a diminuição das terras dos índios pela invasão dos posseiros nas áreas".

O padre Geraldo Pompeu de Campos, que trabalhou durante seis anos em missões salesianas em Mato Grosso do Norte, comentou ontem que a política oficial é contra o índio e denunciou que o cacique Máro Juruna está sendo manobrado. "Se a política do governo fosse de fato a favor do índio, ele seria colocado não simplesmente na situação do menor, mas de quem se prepara para viver com a sociedade envolvente. Isto é um pouco diferente da simples emancipação do índio", sentenciou.

A respeito do cacique Juruna, padre Pompeu disse que ele está sendo manobrado por muitos elementos "e dá o recado direitinho". E apontou: "Aqueles que são contra o governo o utilizam de um lado, e o governo o instrumentaliza de outro".

Padre Pompeu revelou até um episódio do cacique Juruna que presenciou: "Quando foi criada a reserva de Barra dos Garças, nós fizemos questão de que a terra que estava em nosso nome passasse para eles. Nessa reserva havia várias fazendas. Os xavantes deveriam ocupar toda terra. Na hora da distribuição, Juruna escolheu a melhor fazenda e convidou outros índios para trabalhar com ele, imitando os fazendeiros, com quem, aliás, trabalhava antes. Este fato mostra a descaracterização do índio".

"Isso trouxe para a aldeia de São Marco" — acrescentou — "uma situação de incoformidade entre os vários clãs, pois cada um também queria a sua fazenda. O trabalho dos missionários nesse ponto está sendo fazer com que voltem a formar aldeias nas fazendas, conforme os costumes deles. Entre os xavantes a propriedade é da comunidade não de uma pessoa apenas".

Original ilegível
Original difficult to read
0077

Arte & Lazer

Caderno Dois

A GAZETA — VITÓRIA, ES, SEGUNDA-FEIRA, 30 DE JUNHO DE 1980

[illegible] seu território

Os tupiniquins cada vez menos dóceis

A GAZETA — Qual a razão [illegible]

Moacir Cordeiro — Bem, até o momento não temos oferecido melhores condições para os [illegible] estou aqui [illegible] por água abaixo por causa de [illegible] de eucalipto que é esse representante [illegible] Vilas. Ele fica andando [illegible] por aqui à noite em vez de vir [illegible] com a [illegible] os assuntos que interessam à comunidade indígena. Fica é bolando coisas na cabeça dos índios, mas não [illegible] nada. Ele [illegible] não vem com carro, [illegible], gasolina, etc. para dar melhores condições aos índios. Está agindo da mesma [illegible] com [illegible] em Crenaque [illegible] na parte mineira do Vale do [illegible] O pessoal do Cimi convenceu os [illegible] Guarani, em Carmézia, [illegible] Gerais, a ir para Crenaque, mas [illegible] não [illegible] qualquer assistência. [illegible] sem comida, [illegible] preciso a Funai ir lá depois [illegible] isso é [illegible] relacionamento [illegible] com eles por um [illegible] que não [illegible] bomba [illegible] correndo [illegible] índio. Quando [illegible]

"Nós, índios, nos fazemos de bobos para poder sobreviver"

guarani precisa de hospital, ele nunca está presente. Só sabe enrolar seu cigarrinho de palha e nós é que temos de sair em campo para assumir responsabilidades que ele se re[illegible] como suas também. Eu real[illegible] [illegible] com tudo isso, [illegible] da comunidade indígena em quem nós mais confiavamos são [illegible], mas outro tipo de apoio nós não vamos dar não. O Zé vem aqui perguntar o que a Funai acha disso tudo que eles estão fazendo e a única coisa que eu posso lhe dizer é que ela ignora a demarcação. Para todos os efeitos, está valendo o compromisso que a comunidade indígena assumiu com a Funai, o compromisso de esperar até julho a demarcação das terras pela Funai. Eles quebraram esse

AG — Zé, você acha que os índios quebraram algum compromisso com a Funai?

José Sizenando — Quando a Funai disse que ia fazer a demarcação em julho, eu concordei, desde que ela não fizesse jogada pra cima da gente. E foi o que aconteceu. O próprio presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, veio há poucos dias à Aracruz Celulose, conversou com seus diretores não sei o quê e foi embora sem dar a menor atenção aos índios. Isso dá para desconfiar, não dá? Que negócio é esse de ele só ouvir uma parte interessada, deixando de lado os índios, que são os mais prejudicados pela Aracruz? Se a Funai é um órgão de proteção aos índios, ele tinha de conversar primeiro com nós...

Moacir Cordeiro — Mas nós estamos falando é do nosso relacionamento pessoal.

compromisso e agora querem ajuda para sua demarcação. A única coisa que a Funai pode fazer é fechar os olhos. Eu também quero deixar claro o seguinte: à parte o fato de eu ser funcionário da Funai, havia uma amizade pessoal com o Zé e outras pessoas que jogaram isso tudo pelo chão. Eu lamento profundamente que eles tenham traído esse relacionamento pessoal, esquecendo de ver os compromissos que eu tenho como funcionário da Funai.

José Sizenando — (ignorando o comentário) — Tem mais: se nós realmente, como diz o Moacir, quebramos compromisso, isso foi pela primeira vez. A Funai já fez isso várias vezes com os índios e vai continuar fazendo. Então, quem nunca cumpriu sua palavra não pode ficar cobrando coisas dos outros. E nós

AG — Zé, o que houve que vocês queriam incendiar o jipe?

José Sizenando — Eles não queriam dar o carro para levar comida no mato. Agora, eu avisei pelo rádio ao delegado regional: se não tomar cuidado, esse jipe vai virar cinza aqui em frente do posto, porque meu pessoal está com muita raiva da Funai.

"Eu avisei ao delegado que o jipe ia virar cinza"

Moacir Cordeiro — Mas isso seria uma atitude egoísta da parte de vocês, porque iria prejudicar as outras comunidades que também precisam do jipe! Eles não [illegible] taram o pessoal de Comboios e Pau Brasil [illegible] era para botar fogo no jipe. Agora, [illegible] com todos os problemas de falta de verbas e de gasolina, o jipe ainda tem condições de funcionar num caso de emergência. No entanto, o Zé veio me dizer que ele está ocupando espaço. Isso está, porque você não vai plantar onde o jipe está estacionado. Mas ele insiste [illegible] ocupando espaço. Eles ficaram indignados porque viram o jipe andando por aí, em vez de estar ajudando na demarcação. Ora, apesar de tudo, a parte administrativa do posto continua a funcionar normalmente. Nós não temos nada a ver com essa decisão de demarcar as terras. É problema de vocês. Então, assumam sozinhos! Não conte com a Funai para uma demarcação que é ilegal. Eu não vou mudar a rotina do posto: o jipe vai sair quando for necessário atender às suas necessidades administrativas.

AG — Moacir, como você vê a solução para essa crise? Seria a demarcação oficial ou reserva o mais rápido possível uma forma de [illegible]?

BRESAFEES, DESO. US. 19

p. 29

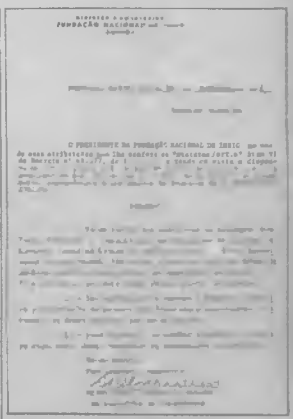
Jimmy Cliff e Gilberto Gil, as atrações da semana. Veja na pagina 3

Desde o descobrimento do Brasil, os tupiniquins foram talvez os índios que mais facilmente se submeteram ao colonizador. Já em 1880, durante uma visita ao Espírito Santo, o arcebispo do Rio de Janeiro, dom Pedro Maria de Lacerda, constatava a rápida adaptação dos índios aos costumes dos novos senhores da terra como parte de acelerado processo de aculturação que os levaria, não muito tempo depois, a perder sua identidade cultural. Em seu diário de viagem, ele fazia o seguinte registro: "Já não têm arco e flexa e nem conhecem tais armas. A razão principal é por terem vergonha de parecerem com os antigos (tupiniquins) e também medo de serem mal vistos pelos portugueses".

Sem os 40 mil hectares de terra que lhes foram doados no final do século passado por dom Pedro II, sem a língua que em pouco tempo desaprenderam devido à convivência com o colonizador e sem obviamente uma unidade tribal, eles praticamente sucumbiram e só fizeram sua reentrada na história do movimento indigenista brasileiro no início da década de 70, quando o ex-delegado regional da Funai em Governador Valadares, Itatuitin Ruas, conferiu aos chamados "caboclos" que viviam na região de Santa Cruz, acima do rio Piraquê-Açu, o status de remanescentes dos tupiniquins, reconhecendo-lhes os direitos inscritos no Estatuto do Índio.

De lá para cá, os tupiniquins mudaram bastante: menos dóceis do que seus antepassados, resolveram lutar pela posse de suas terras, que estavam ocupadas em quase toda a sua extensão pelos eucaliptos da Aracruz Celulose. Agora, estão em pé de guerra contra a Funai, que desde novembro do ano passado, quando criou as reservas de Caieiras Velhas, Pau Brasil e Comboios, vem prometendo demarcar para eles uma área de aproximadamente 6 mil hectares.

Na acidentada luta dos tupiniquins por suas terras (e que mais recentemente passou a contar com o apoio de um grupo de guaranis que vive às margens do Piraquê-Açu), o episódio mais tenso foi a invasão do posto da Funai em Caieiras Velhas, de onde eles levaram o rádio que serve para as comunicações com a delegacia regional em Governador Valadares, depois de esvaziar os pneus do jipe. Eles protestavam contra o não-reconhecimento pela Funai da demarcação que eles estão fazendo por sua própria iniciativa. Em meio à crise, que prosseguiu esta semana com um ato público em favor dos índios em Vitória, durante o qual eles voltaram a denunciar a omissão da Funai. A GAZETA registrou um diálogo áspero entre o cacique José Sizenanda e o chefe do posto, Moacir Cordeiro, a respeito dos problemas que eles enfrentam.



FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO [illegible]

A portaria não cumprida pela Funai

[illegible] à [illegible]unidade [illegible]. Fica é botando coisas na cabeça dos índios, mas não [illegible] nada. Ele mesmo não vem com carro, [illegible] gasolina, etc. para dar melhores [illegible] aos índios. Está ajuda da mesma [illegible] Crenaque [illegible] Vale do [illegible] do Cimi [illegible] Guarani, em Carmésia, [illegible] para Crenaque, mas [illegible] toda [illegible] a Funai lá depois [illegible] que eu [illegible] em tudo isso é [illegible] um bom relacionamento [illegible] tínhamos com eles por ser. [illegible] como esse Fábio, que não [illegible] uma bomba nas [illegible] e sai [illegible] não [illegible] Quando algum tupiniquim ou

---

"Nós, índios, nos fazemos de bobos para poder sobreviver"

---

guarani precisa de hospital, ele nunca está presente. Só sabe enrolar seu cigarrinho de palha e nós é que temos de sair em campo para assumir responsabilidades que ele se recusa a tomar como suas também. Eu realmente estou muito magoado com tudo isso, pois algumas pessoas da comunidade indígena em quem nós mais confiávamos são justamente aquelas que nos traíram.

AG — Zé, o que você acha disso que o Moacir [illegible]

José Sizenanda — Esse negócio de que o Fábio vem aqui toda noite não é verdade. Ele já veio muitas vezes, mas só uma noite é que ele dormiu aqui. Uma noite apenas. Além disso, ele não vem para botar coisas na cabeça da gente, porque nós sabemos pensar com nossas próprias cabeças. Nós, índios, nos fazemos de bobo para poder sobreviver, porque a Funai não faz quase nada por nós. Infelizmente, eu sei o que ela faz em outras áreas indígenas e por isso eu posso dizer que o pior posto da Funai no Brasil é este de Caieiras Velhas. O Moacir diz que esse jipe está aí para servir a comunidade, mas ele só usa quando alguma pessoa adoece. É só isso. Agora que nós estamos precisando dele para os trabalhos de demarcação de nossas terras, o Moacir diz que não tem gasolina. Eu falo pra ele: nós botamos gasolina. Aí, ele resolve abrir o jogo e diz que o jipe não pode sair. Então, eu pergunto: ele não está aqui para servir a comunidade? Nós temos precisado do jipe para levar comida para a gente no mato, lá onde estamos fazendo a demarcação, e sem ele somos obrigados a vir a pé até Caieiras para apanhar as panelas. Tentamos resolver o problema deixando o meu pai com essa responsabilidade. Ele é um homem já velho e doente. Quando estava levando a comida, o sofrimento dele atacou. Ele foi atrás do Moacir pedir ajuda, mas o Moacir não cedeu o jipe.

Moacir Cordeiro — Agora, é preciso esclarecer uma coisa: é muito estranho o Zé pedir o jipe quando ele há poucos dias ouviu oficialmente do delegado regional da Funai Carlos Grossi, que o órgão não reconhece a demarcação que está sendo feita. Se eu sou o representante da Funai, tenho de respeitar suas determinações. Então, não vou colocar um veículo oficial a serviço de uma demarcação de terras que a Funai considera ilegal. Quando os índios resolveram levar em frente esse trabalho, por instigações do Cimi, eles sabiam por antecipação que não iriam contar com qualquer apoio da Funai. Diante disso, fica claro que eles é que tem de assumir sozinhos sua tarefa. Se alguém se machuca no mato, nós prontamente iremos lá prestar so-

ia fazer a demarcação em julho, eu concordei, desde que ela não fizesse jogada pra cima da gente. E foi o que aconteceu. O próprio presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, veio há poucos dias à Aracruz Celulose, conversou com seus diretores não sei o quê e foi embora sem dar a menor atenção aos índios. Isso dá para desconfiar, não dá? Que negócio é esse de ele só ouvir uma parte interessada, deixando de lado os índios, que são os mais prejudicados pela Aracruz? Se a Funai é um órgão de proteção aos índios, ele tinha de conversar primeiro com nós...

Moacir Cordeiro — Mas nós estamos falando é do nosso relacionamento pessoal.

compromisso e agora querem ajuda para sua demarcação. A única coisa que a Funai pode fazer é fechar os olhos. Eu também [illegible] deixar claro o seguinte: à parte o fato de eu ser funcionário da Funai, havia uma amizade pessoal com o Zé e outras pessoas que jogaram isso tudo pelo chão. Eu lamento profundamente que eles tenham traído esse relacionamento pessoal, esquecendo de ver os compromissos que eu tenho como funcionário da Funai.

José Sizenanda — (Ignorando o comentário) — Tem mais: se nós realmente, como diz o Moacir, quebramos compromisso, isso foi pela primeira vez. A Funai já fez isso várias vezes com os índios e vai continuar fazendo. Então, quem nunca cumpriu sua palavra não pode ficar cobrando coisas dos outros. E nós só não cumprimos nossa palavra empenhada, por causa dessa jogada do presidente da Funai. Isso é um desrespeito ao índio e agora eu vou dizer uma coisa ao Moacir: nós não vamos mesmo esperar até julho a demarcação da Funai. Com nossas próprias mãos, vamos fazer essa demarcação. Não dá mesmo para esperar.

Moacir Cordeiro — Agora, Zé, eu queria que você falasse do nosso relacionamento pessoal. Vocês sabem das nossas limitações como funcionário da Funai, mas não levaram isso em consideração. Confundiram minha função administrativa com nossa amizade pessoal. Vocês traíram os nossos compromissos pessoais, me deixando muito magoado. Eu estive na semana passada em Governador Valadares, na delegacia regional da Funai, e disse que tinha duas pessoas em Caieiras Velhas da mais absoluta confiança que apoiariam qualquer projeto que estivéssemos dispostos a executar aqui. Essas pessoas eram você e o **Cearense**. Hoje, eu considero o Judas Iscariotes disso tudo o próprio **Cearense**, que invadiu o posto, levou o rádio justamente na hora em que eu tinha uma mensagem de urgência para passar para Valadares e esvaziou os pneus do jipe. Vocês esqueceram que o jipe não é só para atender Caieiras Velhas, é para servir também Comboios e Pau Brasil. Então, não podiam fazer isso. Foi uma atitude muito egoísta. Outra coisa: os guaranis não quiseram participar desses atos, porque eles têm seus princípios religiosos contra a violência. E vocês foram depois perguntar para eles: "Vocês são ou não são índios?" Isso tudo só vai resultar numa coisa: divergência entre os próprios índios. Da outra vez, eles queriam era botar fogo no jipe, mas eu consegui convencer o pessoal a não fazer isso.

"Só posso dizer uma coisa: a Funai ignora a demarcação dos índios"

[illegible]

delegado que o jipe ia virar cinza"

Moacir Cordeiro — Mas isso seria uma atitude egoísta da parte de vocês, porque [illegible] prejudicar as outras comunidades que também precisam do jipe! Eles não [illegible] taram o pessoal de Comboios e Pau Brasil [illegible] era para botar fogo no jipe. Agora, [illegible] com todos os problemas de falta de verba e de gasolina, o jipe ainda tem condições [illegible] funcionar num caso de emergência. No entanto, o Zé veio me dizer que ele está ocupando espaço. Não está, porque você não vai plantar onde o jipe está estacionado. Mas ele insiste: está ocupando espaço. Eles ficaram indignados porque viram o jipe andando por aí, em vez de estar ajudando na demarcação. Ora, apesar de tudo, a parte administrativa do posto continua a funcionar normalmente. Nós não temos nada a ver com essa decisão de demarcar as terras. É problema de vocês. Então, assumam sozinhos! Não conte com a Funai para uma demarcação que é ilegal. Eu não vou mudar a rotina do posto: o jipe vai sair quando for necessário atender às suas necessidades administrativas.

AG — Moacir, como você vê a solução para essa crise? Seria a demarcação oficial da reserva o mais rápido possível uma forma de [illegible]?

Moacir Cordeiro — Sim, é isso. Mas eu tenho a impressão de que, por mais bem intencionada que seja a Funai, nós sempre vamos ter, aqui na área, esse elemento pernicioso que é o Fábio. Um indivíduo que só atua no sentido de destruir o nosso trabalho junto à comunidade indígena. Agora, é preciso ficar claro o seguinte: eu não sou contra o Cimi e sim contra alguns elementos que dele fazem parte.

AG — Você acha que o Fábio é um obstáculo à superação da atual crise entre você e os índios?

Moacir Cordeiro — A atuação dele junto aos índios é altamente perniciosa. Por isso, ele não merece a confiança de ninguém. A prova mais concreta disso é o episódio de Crenaque. Quando o delegado da Funai perguntou ao pessoal do Cimi se eles é que haviam levado os índios crenaques da Fazenda Guarani para lá, a resposta foi esta: "Não! Os índios vieram porque quiseram. Nós não temos nada com isso!" Isso, para mim, [illegible] irresponsabilidade.

AG — Zé, o trabalho do Fábio é capaz de prejudicar o seu plano de reconquistar para os tupiniquins suas terras?

José Sizenanda — Não vai atrapalhar em nada! Eu explico: quem está limpando o mato, quem está derrubando, quem está abrindo a picada para a demarcação, quem está armando a baliza somos nós. Não é Funai nem o Cimi.

Moacir Cordeiro — Claro que o Fábio não aparece lá nessa hora, mas é ele quem fica no ouvido de vocês dizendo para fazer isso [illegible] aquilo. Agora, eu gostaria de ver o Fábio com um carro levando comida para vocês. Mas isso ele não faz. Eu admiro que o **Cearense**, uma das pessoas da minha confiança, tenha tido a coragem de levar o rádio do posto e esvaziar os pneus do jipe. E eu acho que o Zé está sendo usado pelo Fábio. O Fábio está largando uma bomba na mão dele. Na hora do vamos ver, quem vai aguentar as consequências vai ser o Zé. O Fábio vai ficar de lado, no meio da torcida festiva que lança os índios contra a Funai.

AG — Zé, vocês vêm lutando há tempos para conseguir de novo essas terras, não é?

uma unidade tribal, eles praticamente sucumbiram e só fizeram sua reentrada na história do movimento indigenista brasileiro no início da década de 70, quando o ex-delegado regional da Funai em Governador Valadares, Ita-

Funai em Caieiras Velhas, de onde eles levaram o rádio que serve para as comunicações com a delegacia regional em Governador Valadares, depois de esvaziar os pneus do jipe. Eles protestavam contra o não-

taram a denunciar a omissão da Funai. A GAZETA registrou um diálogo áspero entre o cacique José Sizenanda e o chefe do posto, Moacir Cordeiro, a respeito dos problemas que eles enfrentam.

José Sizenanda e Moacir: trocando ameaças

"A atuação do Cimi é altamente perniciosa aos tupiniquins"

José Sizenanda — Olha, faz muito tempo que estamos ouvindo conversa fiada da Funai e agora nós é que vamos resolver o problema das terras.

Moacir Cordeiro — Zé, mas essa atitude de invadir o posto é, para a Funai, profundamente antipática. Você sabe que o único órgão que tem condições de fazer alguma coisa por vocês — por mais omisso que ele seja e nós realmente temos de reconhecer isso — é a Funai. Vocês vão para o mato fazer demarcação não é porque o Cimi ou a Comissão Pró-Índio vai defender vocês, mas porque vocês esperam o apoio da Funai. Por isso é que à noite vocês vêm aqui no posto saber qual é a posição da Funai. Então, como é que vocês invadem o posto que está aqui para proteger vocês?

José Sizenanda — Nós entramos aqui porque...

Moacir Cordeiro — Vocês vieram cortar as nossas comunicações com a Funai.

José Sizenanda — Aqui não tem comunicação nenhuma. Se tivesse, estava tudo resolvido na área.

AG — Zé, há dois anos, quando tupiniquins e guaranis ocuparam essa mata virgem aqui perto de Caieiras, foi que a Aracruz e a Funai começaram a reconhecer os seus direitos a um pedaço de terra para vocês fazerem suas lavouras de mandioca, milho, feijão...

José Sizenanda — Foi assim que essa luta começou. Antigamente, nos tempos dos nossos antepassados, tudo isso aqui era mata bruta dos tupiniquins. Quando eu era menino, a Aracruz chegou com seus eucaliptos e destruiu muita coisa. Os mais velhos, que eram bobos, ficaram quietos. Não falaram nada. Nós fomos crescendo ouvindo eles dizer que essa terra era dos índios e vendo as arbitrariedades da Aracruz. Quando o índio ia plantar feijão num lugar, os funcionários da empresa não deixavam. Quando ia caçar, eles tomavam sua espingarda. Se encontravam índio com facão no mato, deixavam ele desarmado. Nós vivíamos cada vez mais pressionados pela Aracruz. Aí, chegou a Funai, reconheceu que aqui havia índio tupininquim e disse: "olha, vocês não fiquem preocupados, porque terão a área que quiserem para plantar". Desde essa época, que nós estamos esperando ela cumprir sua palavra. Depois saiu a portaria 909 do Ministério do Interior criando a reserva de Caieiras Velhas, Pau Brasil e Comboios. Isso foi no ano passado. O pessoal da Funai trouxe um mapa da área doada por dom Pedro II aos nossos antepassados e perguntou: vocês querem a área toda ou não? Nós dissemos que queríamos toda e eles responderam que assim ia demorar bastante. Se nós concordássemos em ficar só com parte dela, divididos em três reservas, logo a área iria ser demarcada. Nós achamos então que esta era a melhor solução, porque precisávamos da terra com urgência para poder trabalhar tranquilos. Foi a hora em que a Funai nos iludiu. Nós tínhamos direito a 40 mil hectares, aceitamos apenas seis mil e ficamos esperando a demarcação. Como a Funai não agiu, nós lhe demos um prazo de 60 dias, que terminou no dia 8 de maio, para mandar seus funcionários fazer o trabalho, mas não apareceu ninguém. A Funai alegou que não tinha verba para fazer a demarcação. No dia 19 de maio, resolvemos entrar no mato para demarcar a reserva. Mandaram a Polícia para cá, dizendo [illegible] era para nos proteger. Depois, pediram para a gente esperar até julho. De novo, nós concordamos, mas o presidente da Funai veio aqui e não conversou com a gente. Foi procurar o pessoal da Aracruz Celulose. Isto é sinal de que eles estão preparando alguma coisa contra nós. E eu já tenho informações de que o plano deles é reduzir ainda mais a nossa reserva.

AG — Do jeito que vocês estão agindo ultimamente, o Moacir vai acabar tendo de ir embora daqui, pois ele [illegible] não terá mais condições de trabalhar junto à comunidade.

José Sizenanda — Muita gente da comunidade já me falou que não quer mais ele aqui. Eu não posso falar nada, mas se a maioria decidir isso eu vou ter que ficar com ela.

Moacir Cordeiro — O que importa para eles não é a pessoa, mas o que ela representa. Eu posso ser um grande amigo de todos eles. Porém, basta pertencer à Funai para não servir mais. Agora, eu tenho a consciência tranquila de que o máximo que eu pude fazer por eles eu fiz. Eu, o motorista, a professora e o enfermeiro do posto temos trabalhado duro todos os dias, inclusive aos domingos. Não temos tempo para mais nada, nem para uma praia, que fica bem perto daqui. Mas eu não vou sair daqui fácil. Só saio se a Funai me tirar. E saio de cabeça erguida, porque em nenhum momento me omiti em relação às necessidades da comunidade.

José Sizenanda — Eu reconheço isso. Sei que vocês trabalham bastante, mas é um trabalho que não rende. Por isso é que estamos vivendo todos esses problemas.

"Nós já estamos cansados das promessas da Funai"

Original ilegível

BRESAPEES.DES.O.MS.19

p.30

Ato público defenderá índio amanhã

A Comissão de Solidariedade aos Índios Tupiniquim e Guarani do Espírito Santo realizará, amanhã, às 18 horas, na praça [illegible], em Vitória, um ato público em apoio à demarcação das terras por esses remanescentes indígenas no município de Aracruz, iniciada ontem.

A entidade está distribuindo à população um documento onde cita os motivos que levaram os índios a efetuarem sozinhos os trabalhos que competem a Fundação Nacional do Índio (Funai), adiados de maio para julho próximo.

EXPLORAÇÃO

— O documento faz uma breve descrição da vida dos índios no Espírito Santo, e cita que em 1940 o Governo do Estado fez uma concessão para a Companhia Ferro e Aço de Vitória, para a exploração de madeira para fabricação de carvão, em terras indígenas.

Em 1960, esses 10 mil hectares foram negociados com a Aracruz Florestal, que ocupou os outros 30 mil hectares restantes, "expulsando os índios" e algumas vezes utilizando-se deles como mão-de-obra para derrubada da mata, plantio de eucaliptos e nos trabalhos de construção da fábrica de celulose, instalada no Município de Aracruz.

Nessa ocasião, calcula-se que 500 índios trabalharam para a empresa, que utilizando-se dos tratores destruiu aldeias como a de Guaxindiba, Cantagalo, Braço Morto, Areal e Ursa, entre outras. Em 1963, os índios Tupiniquim e Guarani tentaram fazer alguma resistência à empresa, e foram diversas ve es à sede da Funai, em Brasília, de onde receberam "só promessas, nunca cumpridas".

Foi em 1976 que o então presidente da Funai, general Ismarth de Araujo considerou os Tupiniquim um grupo apto para a emancipação, alegando sua "integração, à sociedade nacional". Uma vez emancipados, os remanecentes perderiam suas terras e o direito de reivindicá-las.

DECISÃO

Em maio de 1979, eles, com o documento de doação da sesmaria em mãos, ocuparam uma pequena área de 120 hectares, de posse da Santa Cruz Urbanizadora S/A, subsidiária da Aracruz Celulose, e em julho a Funai promoveu um levantamento na área para reconhecimento dos direitos de índios sobre o terreno ocupado. Foi também o órgão [illegible]ssionado pelos índios a cuidar da devolução das terras ocupadas pela empresa.

Só em novembro de 1979 é que foi assinada a portaria 609/N, declarando Caieiras Velha, Pau Brasil e parte da Ilha de Comboios com áreas de ocupação dos índios. "Essas significam somente 0,03 por [illegible]

[illegible]

Original ilegível
Original difícil de ler
0073

BRESAPEES, DES.O.MS.19

P.31

Índios invadem posto da Funai e ficam com rádio

Revoltados com o delegado da Fundação Nacional do Índio (Funai), Moacir Cordeiro de Melo, os índios tupiniquins e guaranis invadiram ontem, pela manhã, o posto do órgão em Caieiras Velhas, levaram o rádio transmissor e furaram os pneus do Jeep que, teoricamente, existe para servi-los.

Isto ocorreu enquanto eles — cerca de 100, segundo Cordeiro de Melo — se dirigiam para a vila de Coqueiral, onde iniciaram a demarcação ao leste das áreas a que têm direito pela Portaria nº 906/N, da Funai. Os índios prosseguiam com o trabalho de demarcar o terreno sem esperar pelo governo.

POLÍCIA FEDERAL

Às 7h30m, depois de receber um telefonema do Moacir Cordeiro de Melo, o delegado chefe da Polícia Federal, Durval Pimenta de Castro, chegou a Caieiras Velhas e conseguiu convencer os índios a devolverem o rádio tomado à Funai e parar, temporariamente, com a demarcação do terreno em Coqueiral.

Castro assinou um pequeno documento em que se compromete a procurar uma solução desejável aos tupiniquins até a próxima quarta-feira. Segundo o cacique tupiniquin José Sizenando, o chefe da Polícia Federal chegou a afirmar que se a Funai não resolver nada até a data do compromisso, ele não mais irá interferir no conflito, deixando que se desenvolva livremente.

Os índios, segundo o cacique, querem a solução do problema da terra — a demarcação de uma área com 2.700 hectares e 35 quilômetros de extensão — não importando de onde parta. Mais uma vez, de acordo com Sizenando, deram uma demonstração de boa vontade, com o compromisso de paralisarem os trabalhos de demarcação até a próxima quarta-feira.

Mas continuam firmes em seu propósito e, na quinta-feira, pela manhã, depois do fim do compromisso, eles pretendem dar continuidade aos trabalhos iniciados na terça-feira com a colocação de piquetes na parte oeste do terreno, entre os rios Piraquê-Açú e Saué.

Na próxima semana, eles pretendem demarcar ao leste da área, ao redor da vila de Coqueiral, um trabalho que seria iniciado ontem e foi protelado em função das negociações com o chefe da Polícia Federal.

— Queremos nossas terras e não vamos deixar nem um eucalipto para a multinacional Aracruz Celulose. Sabemos que a Funai quer reduzir o terreno, mas não aceitamos e eles vão ter que reconhecer a demarcação que estamos fazendo, — "disse o cacique.".

INCIDENTE

O incidente no posto da Funai, na manhã de ontem, foi causado pela insistência de Cordeiro de Melo em não ceder o Jeep do órgão para os índios, que desejavam transportar alimentos e p[illegible] para a área em demarcação, a cinco quilômetros de Caieiras Velhas.

Segundo o cacique tupiniquin, desde terça-feira os índios desejam o Jeep, [illegible] chefe da Funai [illegible] negou a empres[illegible] índios alegaram que queriam apenas o carro: "Iríamos comprar a gasolina".

[illegible] observarem o Jeep rodando [illegible] tupiniquins e guaranis [illegible] indo furar os pneus: [illegible] nós", disse o cacique, [illegible] rádio "foi levado porque queríamos resposta da Funai [illegible] da al[illegible]

FUNAI NÃO APROVA

Enquanto o chefe da PF, Durval Pimenta de Castro, se negou a prestar qualquer informação à imprensa, Moacir Cordeiro de Melo deu sua versão sobre os fatos, afirmando, inicialmente, que se sente desprotegido e bastante ameaçado pelos índios.

— Foi um verdadeiro clima de revolta. Antes, eles já queriam colocar fogo aqui e vieram com uma lata cheia de gasolina. Todos os funcionários foram ameaçados. Desta vez eles invadiram o posto com foice e machados.

O delegado da Funai disse que afirmou aos índios "que a Funai não aprova o que eles estão fazendo e isto era tudo que eu tinha a dizer. Fomos proibidos de ceder o jeep pelo delegado da Funai, Carlos Roberto Grossi. Não foi uma decisão pessoal".

Ele disse também que são elementos estranhos aos índios que os estão insuflando. Esclareceu que um membro do Conselho Indiginista Missionário (Cimi) "estava espalhando panfletos entre eles". Acrescentou que a Funai não irá ceder "as exigências de instigadores, que só fazem problemas. É o tal problema. Eles jogam a bomba e não oferecem nenhuma condição. A Funai é quem dá apoio aos índios".

Melo voltou a defender a posição do presidente da Funai, que esteve recentemente no Espírito Santo com representantes da Aracruz Celulose e se negou a procurar os índios, disse desconhecer a possibilidade de alteração da Portaria 906/N e anunciou um encontro com o presidente da Aracruz Celulose para "ver a posição da empresa a respeito do problema".

O cacique José Sizenando, como outros índios, contestam praticamente toda a versão do chefe da Funai que, segundo eles, se tornou verdadeiro inimigo de população silvícola, "embora, quando chegou há três meses, era melhor e dava para conversar com ele".

De acordo com Sizenando, "os índios estavam com facões e machados porque iamos demarcar a terra em Coqueiral. Não era para ameaçar o chefe da Funai não. Apenas pegamos o rádio e passamos para furar os pneus".

Sobre o representante do Cimi na região, "é um grande amigo dos índios, uma pessoa de quem todos gostam, que não interfere na nossa vida e ajuda no que for preciso. Sempre que os índios decidem defender seus direitos a Funai fala isto, acusa o Cimi".

Já sobre a intenção de alterar a Portaria 906/N, de novembro do ano passado, segundo Sizenando "foi o próprio delegado da Funai quem falou isto. Ele disse que o atual presidente não reconhece este decreto e quer fazer outro".

A Funai quer que os índios aceitem uma área bem menor que a delimitada pelo decreto, e, mais que isto, que o terreno abranja "também os índios de Comboios e Pau Brasil, que já têm direitos garantidos".

Isto "os índios não irão aceitar", segundo Sizenando: "vamos demarcar nossa terra e só sairemos dela mortos. Não cedemos em um eucalipto (a região possui milhares de pés). Na quinta-feira, independente da resposta da Funai, vamos co[illegible]tinuar e ela terá que reco[illegible] [illegible] dam[illegible] [illegible] remos os Ind[illegible] Brasil, que farão o mesmo. [illegible] aqui". Acrescentou que uma nova [illegible] dicação dos tupiniquins e guaranis é [illegible] "saída do chefe da Funai, o Moacir que está abusando e falando grosso com a gente. Chegou a falar para dois índios aqui que eles não existiam e disse gr[illegible]so que não iria ceder o carro".

Original ilegível
Original difficult to read
0071

BRESAPEES, DES. O MS. 19
p. 32

Posseiros só deixam reserva indígena se receber indenização

"Uma indenização decente" é o que os posseiros fixados em Caieiras Velhas esperam para abandonar as terras pertencentes aos índios tupiniquins e guaranis, segundo a Portaria 609/N da Funai.

"Só que o que eu peço é uma coisa: que as autoridades competentes tomem as providências para que a gente não seja obrigado a sair sem indenização", esclareceu o proprietário da Mercearia Canguru, Antonio Martins de Oliveira, situada dentro da aldeia indígena.

RECLAMAÇÕES

A mulher do comerciante, Jandira Pereira Canquine, explica que "os posseiros já foram três vezes falar com o governador e, embora ele fizesse promessas nada foi feito a nosso favor".

"Nós também temos direito", diz, afirmando que "todas as propriedades, ou quase todas, tem escrituras. Se o governo sabia que as terras eram dos indios, porque deu escritura? Eu moro aqui desde que nasci".

Martins de Oliveira assegura que nenhum dos posseiros pretende permanecer nas terras dos inidos. "Só esperamos uma indenização. O que não podemos é sair com os filhos para a rua. Se for assim, teremos de roubar para sobreviver. É por isso que tem muito ladrão por aí".

"NÃO TEMOS LEIS"

A tensão é grande entre os posseiros e está sendo agravada por informações fornecidas pela Funai de que não irá "pagar nada a ninguém". Isto nós não podemos aceitar".

— Até agora nós não achamos leis, diz Jandira Pereira Canquine.Eu acho que se os indios tem direito mas, nós também temos. A maior parte do povo nascido aqui não é índio. Meu pai, Hermenegrildo Pereira, tem 60 anos, é nascido e criado aqui. Será que não tem direitos?

— A gente trabalhou tudo aqui e agora está sofrendo esta humilhação.Tenho uma chácara com mais ou menos 700 pés de laranja, coqueiros, abacates e outras frutas. Os indios não tem culpa. Terra ninguém quer. Todo mundo quer receber e ir embora. Nós temos direito e não podemos sair sem indenização

CULPADOS

Antônio Martins de Oliveira diz que os culpados pela situação "são os nomens da Justiça que não olham para nós". Embora o problema não tenha provocado conflitos abertos com os indios, esta possibilidade não é remota. Diariamente circulam "informações " de que os posseiros só tem "uma semana para sair, senão os indios queimam tudo".

Isto, contudo, não corresponde à forma com que os indios pretendem tratar a situação, segundo o cacique José Sizenando. Ele afirma que "os indios pretendem solucionar seus problemas mas, também ajudar a solucionar o problema dos posseiros".

—A Funai é quem afirmou que iria indenizar os posseiros. Nós estamos cobrando isto dela. Nós não estamos implicando com eles, mas não temos condições para indenizar. Se fosse o caso de querermos brigar, já tinhamos brigado. Esperamos que os posseiros não queiram brigar com os indios.Achamos que eles também possuem direito e tem de ser indenizados. Vamos lutar por isto também — garante o cacique.

Índios continuam demarcação

Sem que fosse verificado qualquer incidente, os índios tupiniquins e guaranis prosseguiram ontem com a demarcação de suas terras em Caieiras Velhas. Hoje, segundo o cacique tupiniquin José Sizenando, "toda a parte Oeste estará marcada com piquetes. Segunda ou terça-feira nós pretendemos iniciar no Sul".

Apesar de algumas informações de que a Aracruz Celulose pretende reivindicar o direito sobre os eucaliptos plantados nas terras indígenas, milhares de pés, os silvícolas não pretendem ceder uma só árvore e afirmam sua posse sobre tudo na região.

"Nós não vamos dar nem um pé de eucalipto para a Aracruz Celulose. Daqui, ela não retira nada", sustentou o cacique tupiniquin, acrescentando: A Aracruz sempre soube que as terras pertencem aos índios".

Igreja recolhe alimentos

A Arquidiocese de Vitória está organizando [illegible] campanha pa a sensibilizar a população do Estado ao problema que está sendo enfrentado pelos índios tupiniquins e guaranis da região de Aracruz, a falta [illegible] alimentos. O objetivo é arrecadar alimentos junto às comunidades de base e nos mais diversos bairros.

O missionário do Cimi, Willer Barbosa, fez ontem um apelo: "Quem puder, leve alimento para a sede da Arquidiocese. Se preferir, doe algum dinheiro que possa [illegible] utilizado na alimentação da comunidade indí[illegible].

A falta de alimentos foi ocasion[illegible] pelo trabalho contínuo dos indígenas na demarcação de [illegible] desde o dia 19 deste mês. O sr. Willer Barbosa explicou: "Eles vivem da cata de caranguejo e de [illegible] Com a demarcação, muitos foram mobili[illegible] xando de se preocupar com a busca de alime[illegible]

ALIMENTO NO FUTURO

N[illegible] os índios se alimentaram de farinh[illegible] pelas mulheres (com a produção de mandioca de [illegible] hortas). Porém ontem mesmo muito [illegible] não [illegible] o que com[illegible]

Original ilegível
Original difficult to read

BRESAPEES,DES.0.MS.19
P.33

RECORTE DO JORNAL "A GAZETA DE 07/05/80"

Demarcação da área dos Tupiniquins é suspensa

A demarcação da area dos tupiniquins, que estava prevista para ser iniciada hoje, não mais será realizada porque a Delegacia Regional da Funai, com sede em Governador Valadares e que tem jurisdição sobre o Espirito Santo, elaborou um estudo e o enviou à presidência da Fundação, que ainda não definiu o inicio dos trabalhos. A informação foi prestada ontem pelo delegado Carlos Roberto Grossi, acrescentando que não poderia revelar dados do relatório, porque o mesmo está sendo apreciado pela presidência.

Segundo o delegado da Funai, a preocupação da entidade com relação à solução do problema com as terras dos tupiniquins será de forma conciliatória de modo que atenda aos interesses dos indios e dos posseiros, que estão em Caieiras Velhas. Com relação a demarcação das terras, Carlos Grossi informou que ela deverá ser feita dentro de aproximadamente três meses

– A grande preocupação da Funai no momento, e evitar um conflito direto entre indios e posseiros, que venha exigir o uso da força policial para definir a questão, disse o delegado da Funai, acrescentando que no momento a situação em Caieiras Velhas e de completa harmonia, segundo informações que recebeu do posto do orgão instalado no local.

ENVIADO

Na ultima segunda-feira, o vereador de Aracruz, Carlos Roberto Bermudes da Rocha, acompanhado do deputado federal — PDS — Antonio Miguel Feu Rosa, esteve, como representantes dos posseiros, com o ministro Mario Andreazza, solicitando o envio de um emissário ao Espirito Santo para verificar os problemas causados com a demarcação de terras dos indios tupiniquins

Durante o encontro com o ministro Andreazza, o vereador de Aracruz entregou um relatorio, fazendo uma analise da situação. Segundo o documento "Caieiras Velha sempre foi um povoado habitado por mais de 80 familias da comunidade de Aracruz, que para la se deslocaram há mais de vinte anos. Adquiriram suas propriedades, realizaram benfeitorias, juntamente com alguns remanescentes tupiniquins, tendo vivido durante todo esse periodo em perfeita harmonia".

Sobre esse trecho do relatório o delegado da Funai, Carlos Grossi, fez o seguinte comentario: "Realmente havia harmonia, mas de forma falsa, do tipo uma pessoa virar as costas para um rio, onde existe uma outra se afogando. A partir do momento que a Funai partiu para o local é que então os ânimos foram acirrados. Por direito a terra — mais de 270 hectares — pertence aos índios, mas a Funai quer uma solução conciliatória que atenda aos interesses das duas partes".

O relatório do vereador Carlos Roberto Bermudes, diz que com a chegada dos elementos da Funai em Caieiras Velha e com o começo do trabalho de reconhecimento dos remanescentes índios, surgiram os problemas. "A partir daí, criou-se um clima de intranquilidade entre posseiros e índios". A esse respeito, Carlos Grossi se limitou a dizer que existem aspectos tecnicos que caracterizam o que é remanescente indio ou não, e que no local existem interesses politicos que podem ser uma das causas do conflito"

Segundo o deputado Feu Rosa o ministro do Interior ficou de enviar um emissario a Caieiras Velhas, mas segundo o delegado da Funai essa decisão ainda não lhe foi comunicada "oficialmente e nem oficiosamente"

Original ilegível
Original difficult to read
007

BR ES APEES, DES.O. MS.19 P.34

A TRIBUNA — Vitória, ES, quinta-feira, 19 de junho de 1980

Editorial

Canto de guerra

O processo de confrontação entre os remanescentes tupiniquins e guaranis de Caieiras Velhas e a multinacional Aracruz Celulose chega, afinal, ao seu limite de tensão. É como uma corda que, puxada pelas extremidades, em sentido contrário, se aproxima rapidamente do rompimento inevitável. Tal é o clima de hoje nas cercanias da aldeia miserável que, afogada pelo mar de eucaliptos à sua volta, teima em eriçar o orgulho de seus filhos na defesa dos seus já diminutos limites, como a induzir uma lúgubre alegoria ao lancinante, último e dramático canto do cisne.

Não se trata de um recurso literário. Aqueles que puderam ouvir a voz embargada do cacique José Sizenando, ao afirmar que sua "nação", está pronta para reagir às importunações da Aracruz Celulose, podem bem avaliar o que está para acontecer. Ontem circulavam insistentes informações de que a multinacional teria dado um ultimato à Polícia Federal: caso não fossem tomadas as providências desejaveis por ela, é claro), no sentido de impedir a continuação da demarcação das terras indígenas iniciadas ontem, o poderoso esquema de segurança da empresa alienígena seria acionado contra a indefesa aldeia dos silvícolas.

O recado é muito claro, como claras também se tornam as consequências de tal insanidade. Porque de muito pouco valerão as intenções guerreiras dos tupiniquins e guaranis se à sua disposição, para a defesa da terra que habitam desde tempos imemoriais, não contam com nada além de rústicas flechas, quando muito uma ou outra espingarda de caça. É preciso não esquecer o potencial de armamentos que a poderosa Aracruz Celulose certamente detém para a defesa dos seus escusos interesses nesta questão.

O mais revoltante, contudo, em toda esta movimentação é a prepotência do capital estrangeiro a intimidar o que há de mais representativo da nossa pobre cultura nacional. Ao estilo dos antigos conquistadores, a Aracruz Celulose veio, viu e venceu ; achacou pequenos proprietários, expulsou posseiros, empurrou até onde quis os indígenas e agora se prepara, com a maior naturalidade, para o massacre final do que ainda resta de tupiniquins e guaranis em solo capixaba.

Não seria pedir muito às nossas autoridades que ponham um fim à desfaçatez que reveste as ações dessa multinacional. Mesmo polidamente deveria lhe ser dito, ou melhor, lembrado, a sua condição de estrangeira, principalmente diante do sofrimento dos nossos silvícolas. E que, pelo menos uma vez na história, se a corda tiver mesmo de romper, que não rompa para o lado mais fraco.

Original ilegível
Original difficult to read

A TRIBUNA

BRESAPEES, DES. 0.MS. 19 P.35

EDITOR: MARIEN CALIXTE — VITÓRIA, ESPÍRITO SANTO, QUINTA-FEIRA, 19 DE JUNHO DE 1980

Índios começam demarcação de Caieiras Velhas

A demarcação da reserva indígena de Caieiras Velhas, no Município de Aracruz, foi iniciada ontem pelos próprios índios tupiniquins e guaranis, residentes no local, em represália pelo retardamento da medida que vem sendo protelada há algum tempo pela Funai. A iniciativa dos índios reascendeu o clima de hostilidades entre a comunidade e a empresa Aracruz Celulose que, segundo informações dos indígenas, pretende conseguir uma redução da área definida recentemente pela Funai. Dos mais de 300 mil hectares doados no século passado à tribo tupiniquim, pelo imperador Dom Pedro II, naquela região, restam apenas seis mil mesmo assim contestados pela Aracruz Celulose.

PAGINA 9

Elmar Mateus

Cansados de esperar pela Funai, os tupiniquins iniciaram ontem a demarcação da sua reserva em Aracruz.

BRESPRCES,DES.0.MS.19
P 36

Índios demarcam terras e Funai diz que é ilegal

Mais de 100 índios da tribo tupiniquim, auxiliados por índios guaranis e alguns carajás, iniciaram ontem pela manhã a demarcação das suas terras na localidade de Irajá, no município de Aracruz, sem a participação da Fundação Nacional do Índio. A atitude dos indígenas deveu-se ao fato da Funai vir protelando a demarcação da área, que foi delimitada pela portaria 609/N de 08 de novembro de 1979 e que tem uma extensão de 2.700 hectares. O chefe do posto do órgão em Caieiras Velha, Moacir Cordeiro de Mello, manifestando-se a respeito do assunto, disse que a "área está realmente delimitada pela portaria, mas juridicamente não está desmembrada. O que os índios estão fazendo ali é apenas a abertura de uma picada na mata, o que a Funai não reconhece como demarcação".

Segundo explicou o cacique tupiniquim José Sisenando, a Funai ia iniciar a demarcação no dia 19 de maio. "Em seguida, nos fez uma proposta no sentido de que a demarcação fosse iniciada em julho. Concordamos, mas ao saber que o presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, estivera aqui na região com o presidente da Aracruz, e sequer nos procurou, e por sabermos também que outra portaria do Ministério do Interior está sendo elaborada, objetivando a diminuição das nossas terras, iniciamos a demarcação, nós mesmos, sem a ajuda da Funai".

A presença do presidente da Funai no Espírito Santo, mais precisamente na região de Caieiras Velha, foi confirmada pelo chefe do posto da Funai na localidade, Moacir Cordeiro de Mello. "Realmente soubemos que ele aqui esteve há cerca de três semanas, para poder avaliar a situação. Não entrou em contato com os índios para que pudesse estar isento e livre de pressões para tomar uma decisão final". Bastante incisivo, o cacique Sisenando afirmou: "Estamos aqui para demarcarmos nossa terra. Não queremos briga com ninguém, mas se insistirem em brigar podem estar certos que partiremos para a briga sem medo. Tudo o que está nesta região delimitada pela portaria do Ministério é nosso, inclusive os eucaliptos da Aracruz, cuja derrubada estamos fazendo agora (ontem). Não sairemos daqui".

INÍCIO

A operação de demarcação das terras começou bem cedo. Por volta das 7 horas, os índios tupiniquins, guaranis e carajás já estavam no local, acompanhados do advogado da Comissão de Justiça e Paz, Ewertoa Montenegro Guimarães, e do deputado Nelson Agaiar. Armados com foices, machados, enxadas, facões e outros objetos próprios, os índios iniciaram a demarcação, pelo ponto Norte do rio Piraquaçu, marcando o lado Oeste da área.

Um grupo fazia a limpeza do terreno cotfando a mata rasteira, enquanto que outro que vinha atrás cortava os eucaliptos, abrindo uma clareira de cerca de 10 metros de largura. Mesmo sendo um trabalho pesado, mulheres e crianças participavam ativamente das tarefas, enquanto que os homens pareciam nem sentir o esforço. Um tupiniquim, quando perguntado se não estava cansado, já que trabalhava seguidamente há cerca de quatro horas, respondeu sorrindo: "Quando se trata da terra da gente, nada nos cansa, fazemos isso com amor. A terra é nossa".

Para simbolizar um dos marcos demarcatórios, que posteriormente deverão ser de concreto, os índios colocaram duas lanças de guerra, uma guarani e outra carajá, embora esta última, segundo o carajá que a fez, tivesse um sinal que a identificava como sendo da paz. De acordo com o cacique dos tupiniquins, a demarcação total da área deve estar [illegible] dentro de duas semanas. Em seguida eles pretendem se cercar o terreno para evitar invasões. "A marcação efetiva é esta que estamos fazendo e não aceitamos outra. Soube através do delegado da Funai em Governador Valadares, cuja delegacia é a responsável pela área em Aracruz que outro decreto seria baixado diminuindo as nossas terras, já que o coronel Nobre da Veiga não quer reconhecer a portaria anterior. Mas ele vai ter que reconhecer, pois vamos lutar para isso. Depois de tudo pronto vamos até Brasília".

Além desta área que está sendo demarcada pelos índios, sem o auxílio da Funai, existem outras duas, uma em Comboios e outra em Pau Brasil. [illegible] o cacique tupiniquim da tribo que ali habita, Waldemar Cruz de Almeida, eles estão [illegible] de um professor para a escola. "A Funai nos [illegible]

Lanças de guerra na demarcação

quim e guarani estiveram no aeroporto portando faixas e carta se pedindo a realização imediata da demarcação. No contato com o ministro, os índios denunciaram que a Aracruz Celulose vinha invadindo constantemente as suas terras e destruindo sistematicamente suas lavouras.

A única saída para o problema seria a demarcação das terras, fato este que a Funai vinha protelando. Diante disso, os índios, que haviam feito um acordo com o órgão no sentido de se iniciar a demarcação em julho, mas que ficaram descrentes, diante das informações que obtiveram de que a portaria 609/N seria derrubada por outra, o que consequentemente significaria a delimitação de uma área menor, resolveram deixar a Funai de lado e fazer a demarcação sozinhos. Não se sabe agora como ficará a situação dos posseiros, já que na área delimitada há várias famílias não indígenas morando e que certamente terão que deixar as terras dos índios tupiniquins e guaranis.

ESTARRECIDO

"Fiquei sabendo da decisão dos índios na noite de terça-feira e confesso que estou estarrecido, chocado e surpreso com a atitude de demarcar as terras". Assim se expressou o chefe do posto da Funai em Caieiras Velha, Moacir Cordeiro de Mello, acrescentando que a [illegible] e nossa de surpresa, já que os índios haviam feito um acordo com o órgão no sentido de se esperar até julho para o início da demarcação das terras.

A respeito da presença do presidente da Funai na região, ele revelou que Nobre da Veiga realmente esteve pela área, há três semanas. "Ele veio até aqui de maneira incógnita, para avaliar lentamente os problemas da área, por isso não manteve contato com os índios".

— Como foi [illegible] na guerra da Amazônia?

— Como a Aracruz Nobre da Veiga [illegible] de um problema específico da área de Pau Brasil, já que os índios daquela região estavam sendo prejudicados pela Aracruz e [illegible] pelos índios, respondeu Moacir Cordeiro.

Ele não soube evaluar se certo qual será a decisão da Funai em Brasília, face à atitude dos índios em Aracruz. "Sobre o que vai ocorrer eu não tenho a menor idéia. Sei apenas que foi uma atitude precipitada e que o fato já foi comunicado à Delegacia da Funai em Governador Valadares, que se encontra em Brasília". De acordo com as informações do chefe do posto, na terça-feira à noite [illegible] da Funai em Governador Valadares. Carlos Roberto Gomes. "Ele [illegible]

Original ilegível
Original difficult to read

t, entre na Justiça ... área para fins de ... que habitam a região terão que

...bléia não ...e proposta ... do fumo

...nte da Comissão de Saúde da ...slativa, deputado Darcy Castelo ...inde não recebeu a proposta do ...e dos Santos Neves, de criação ...nto estadual proibindo o fumo ...colas e unidades sanitárias. ...tado, esta iniciativa é bem-vinda ...maior efeito se fosse tomada por ...ras municipais do estado, e ...feitura ... Vitória.

Justificando a medida do governo, o secretário Stélio Dias, da Educação, disse que a disponibilidade conjuntural financeira e de caixa do governo, permitiu apenas a concessão do abono sobre o salário base e não da regência. Pela mesma forma também é que receberão seus vencimentos acrescidos dos 70 por cento do abono somente a partir de julho, conforme explicou Stélio Dias.

— O aumento do magistério, que teve percentual maior que o das demais categorias do funcionalismo, foi dado dentro de uma perspectiva e de uma vontade emergencial, de acordo com a disponibilidade do estado — enfatizou Stélio Dias. Acrescentou, porém: tão logo haja condições financeiras, faremos uma revisão, não só a nível de salário, pois o governo está muito atento para o que está ocorrendo na área do magistério.

... fosse concedido um reajuste, pelo governo, o magistério teria acrescido o percentual de seus direitos e vantagens.

O professor MaP1 ganha hoje Cr$ 4.430,00. Com o abono de 70 por cento (Cr$ 3.101,00), passará a um salário base de Cr$ 7.531,00. Se ele é regente, terá mais Cr$ 1.772,00, o que dá um total de Cr$ 9.303,00. Se fosse concedido o reajuste, a regência seria de Cr$ 3.012,40 — porque incidiria sobre o salário base mais os 70 por cento — e daria Cr$ 10.543,40.

GRATIFICAÇÃO

Os salários atuais das demais categorias são MaP2, Cr$ 5 mil; MaP3, Cr$ 7.260,00 e MaP4, Cr$ 9.680,00. Com o abono, os professores P2 passaram a Cr$ ...

ES,DEA.0.MS.19
P.36

BRESAPEZS,DES.O.MS.19
p. 37

Confidencial

ESTADO DO ESPIRITO SANTO

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA

SUPERINTENDÊNCIA GERAL DE POLICIA CIVIL

SUPERINTENDÊNCIA DE INVESTIGAÇÕES ESPECIAIS

SERVIÇO DE INVESTIGAÇÕES E INFORMAÇÕES

SIGILOSO

Vitória, E.S. [illegible] de Junho de 1980

Assunto: CAIEIRAS VELHAS - ARACRUZ.

ORIGEM: SII/SPI/ES

Classificação: X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X

DIFUSÃO: PM/2 / ATICI/SESP / ARQUIVO.

Difusão de Origem: X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X

Anexo: DUAS(02) FÔLHAS EM XEROX.

Referência: X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X

SUPERINTENDÊNCIA DE INVESTIGAÇÕES ESPECIAIS
SERVIÇO DE [illegible]ÇÕES E INFORMAÇÕES
- SPI -

ENCAMINHAMENTO Nº [illegible]/80-SII/SPI/ES

Pelo conhecimento desse Orgão esta AI encaminha copia xerox de relatorio policial efetuado por agentes deste Orgão, referentes a diligências efetuadas no lugar denominado CAIEIRAS VELHAS-ARACRUZ/E.S.

X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X=X

Arquivo

Original ilegível
Original difficult to read

BR ES APES, DES.O.MS.19
p.38

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PUBLICA
SUPERINTENDÊNCIA GERAL DE POLICIA CIVIL
SUPERINTENDÊNCIA DE INVESTIGAÇÕES ESPECIAIS

ATICI

R E L A T Ó R I O

Senhor Secretário:

Em cumprimento ao despacho constante de fls. 12, informamos a V.Exª que diligenciamos no povoado de CAEIRAS VELHAS - ARAÇRUZ = ES, onde conseguimos apurar os fatos-seguintes:

Que, o Povoado de Caeiras Velhas até pouco mais de seis (6) meses, mantinha-se numa vida pacata com um relacionamento comum entre remanecentes indigenos e posseiros, entretanto, com a criação de um Posto onde a FUNAI mantém um - representante, criou-se um impasse entre estes remanecentes e os posseiros, pois com as constantes reuniões o representante-da FUNAI tudo tem feito para distanciar estes posseiros;

Que, o representante da FUNAI no momento é a pessoa do sr. MOACYR CORDEIRO DE MELO e nos contactos com este cidadão, nos deixou claro que a FUNAI tem interêsse em demarcar a reserva indigena entretanto, êle se surpreendia com o interêsse do órgão Estadual, vez que, trata-se de um problema de âmbito Federal e porisso mesmo, a Superintendência Regional de Policia Federal através da pessoa do Bel. Durbal, Delegado do DEOPS estava acompanhando de perto os problemas enfocados, controlando-os e periódicamente ali comparece para conferências de praxe;

Que, nos dão conta alguns comerciantes - daquele Povoado, que não só o chefe do Posto da Funai bem como o Delegado da Policia Federal proibiram determinantemente a venda de bebidas alcoólicas alegando tratar-se duma reserva indigena e porisso mesmo, nem os viajantes tem feito ponto de parada naquele comercio, trazendo prejuízos a todos;

Que, ficou constatado que no dia 11 de abril do corrente os remanecentes indigenas sob a liderança do Cacique JOSE SIZENANDO e o representante da FUNAI invadiram e tomaram posse de prédios da Municipalidade e do Estado, ou se

Original ilegível
Original difficult to read

BRESAPEES,DES.O.MS.19
p. 39

Tomaram posse de prédios da Municipalidade e do Estado, ou seja a CRECHE CASULO TIO PATINHAS, o POSTO MEDICO MUNICIPAL que são - bens imóveis da Prefeitura Municipal de Aracruz e a ESCOLA DE 1º GRAU CAEIRAS VELHAS, pertencente ao Estado, devidamente mantida pela Secretaria de Estado da Educação e para tanto, danificaram as fechaduras, substituindo-as tendo ainda procedido pichamentos com os dizeres " PROIBIDO ENTRADA DE PESSOAS ESTRANHAS - FUNAI" " INDIOS TUPINIQUINS -PROIBIDO ENTRADA DE PESSOAS ESTRANHAS" - que se vê nas fotos constantes deste expediente;

Ficou comprovado uma pre-disposição por parte dos remanecentes indigenas continuarem com atos desta natureza ameaçando a invadirem e saquearem casas comerciais e até residenciais, em razão da não demarcação da área destinada como - reserva indigena a cargo da FUNAI, cujo prazo para a demarcação expira-se no dia 08 de maio do fluente, mas que o representante da FUNAI alega desconhecê-lo, estes remanecentes inclusive procuram ameaçarem aos comerciantes alegando estarem fortemente armados e preparados em condições de lutarem para defender a reserva a êles destinada;

Os posseiros JANDIRA PEREIRA CANQUINI, JOVA CI ALVES E LUIZ GONÇALVES DA SILVA, que se acham prejudicados,- procuraram esta Superintendência onde prestaram declarações - (anexo) à respeito dos fatos que deram início ao conflito entre remanecentes indigenas e os posseiros;

Pelo que observamos os ânimos entre remanecentes indigenas e posseiros encontram-se exaltados, podendo haver entre ambos um conflito com sérias consequências. È mister que se frize que a situação enfocada no presente atingiu tal estágio em razão da falta de maior pulso ou liderança por parte - do Sr. Moacir Cordeiro de Melo representante da FUNAI naquele - Povoado.

Vitória, 03 de maio de 1.980

Original legível
Original difficult to read
OCR

BRESAPEES, DES.O.MS.19 p.40

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PUBLICA
SUPERINTENDÊNCIA GERAL DE POLICIA CIVIL
SUPERINTENDÊNCIA DE INVESTIGAÇÕES ESPECIAIS

R E L A T Ó R I O

Senhor Secretário:

Em cumprimento ao despacho constante de fls. 12, informamos a V.Exª que diligenciamos no povoado de CAEIRAS VELHAS - ARACRUZ - ES, onde conseguimos apurar os fatos seguintes:

Que, o Povoado de Caeiras Velhas até pouco mais de seis (6) meses, mantinha-se numa vida pacata com um relacionamento comum entre remanescentes indigenas e posseiros, entretanto, com a criação de um Posto onde a FUNAI mantém um representante, criou-se um impasse entre estes remanescentes e os posseiros, pois com as constantes reuniões o representante da FUNAI tudo tem feito para distanciar estes posseiros;

Que, o representante da FUNAI no momento é a pessoa do sr. MOACYR CORDEIRO DE MELO e nos contactos com este cidadão, nos deixou claro que a FUNAI tem interêsse em demarcar a reserva indigena entretanto, êle se surpreendia com o interêsse do órgão Estadual, vez que, trata-se de um problema de âmbito Federal e porisso mesmo, a Superintendência Regional de Policia Federal através da pessoa do Bel. Durbal, Delegado do DEOPS estava acompanhando de perto os problemas enfocados, controlando-os e periódicamente ali comparece para conferências de praxe;

Que, nos dão conta alguns comerciantes daquele Povoado, que não só o chefe do Posto de Funai bem como o Delegado de Policia Federal proibiram determinantemente a venda de bebidas alcoólicas alegando tratar-se duma reserva indigena e porisso mesmo, nem os viajantes tem feito ponto de parada naquele comercio, trazendo prejuízos a todos;

Que, ficou constatado que no dia 11 de abril corrente os remanescentes indigenas sob a liderança do Cacique JOSÉ MIZERANDO e o representante da FUNAI invadiram e tomaram posse de prédios da Municipalidade e do Estado, ou se

Original ilegível
Original difficult to read
007

BRESAPEES, DESOMS.19 p.41

tomaram posse de prédios da Municipalidade e do Estado, ou seja a CRECHE CASULO TIO PATINHAS, o POSTO MEDICO MUNICIPAL que são - bens imóveis da Prefeitura Municipal de Aracruz e a ESCOLA DE 1º GRAU CACIRAS VELMAS, pertencente ao Estado, devidamente mantida pela Secretaria de Estado da Educação e para tanto, danificaram as fechaduras, substituindo-as tendo ainda procedido pichamentos com os dizeres " PROIBIDO ENTRADA DE PESSOAS ESTRANHAS - FUNAI" " INDIOS TUPINIQUINS -PROIBIDO ENTRADA DE PESSOAS ESTRANHAS" - que se vê nas fotos constantes deste expediente;

Ficou comprovado uma pre-disposição por parte dos remanescentes indígenas continuarem com atos desta natureza começando a invadirem e saquearem casas comerciais e até residenciais, em razão da não demarcação da área destinada como - reserva indígena a cargo da FUNAI, cujo prazo para a demarcação expira-se no dia 08 do mês do fluente, mas que o representante da FUNAI alega desconhecê-la, estes remanescentes inclusive procuram ameaçarem aos comerciantes alegando estarem fortemente armados e preparados em condições de lutarem para defender a reserva a êles destinada;

Os posseiros JANDIRA PEREIRA CANQUINI, [illegible] CI ALVES E LUIZ GONÇALVES DA SILVA, que se acham prejudicados,- procuraram esta Superintendência onde prestaram declarações - (anexo) à respeito dos fatos que deram início ao conflito entre remanescentes indígenas e os posseiros;

Pelo que observamos os ânimos entre remanescentes indígenas e posseiros encontram-se exaltados, podendo haver entre ambos um conflito com sérias consequências. É mister que se frisar que a situação enfocada no presente atingiu tal estágio em razão da falta de maior pulso ou liderança por parte - do Sr. Manoel Cardeiro de Melo representante da FUNAI naquela - Funai.

Vitória, 03 de maio de 1.980

Original ilegível
Original difficult to read
00

BRESAPEES... 19742

Confidencial

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
SUPERINTENDÊNCIA GERAL DE POLÍCIA CIVIL
SUPERINTENDÊNCIA DE INVESTIGAÇÕES ESPECIAIS
SERVIÇO DE INVESTIGAÇÕES E INFORMAÇÕES

Sigiloso

Vitória - ES. 11 de Março de 1981

Assunto: ENTIDADES DE PROTEÇÃO AO ÍNDIO.
ORIGEM: SII/SPI/ES
Classificação: X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X
DIFUSÃO: ATICI/SESP / ARQUIVO.
Difusão de Origem: X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X
Anexo: X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X
Referência: Pb. Nº 003/81 - ATICI/SESP/ES.

SUPERINTENDÊNCIA DE INVESTIGAÇÕES ESPECIAIS
SERVIÇO DE INVESTIGAÇÕES E INFORMAÇÕES
- SPI -

INFORMAÇÃO Nº 032/81-SII/SPI/ES

Respondendo ao Pb. de referencia esta AI informa que revendo seus arquivos, NADA CONSTA até a presente data sôbre os assuntos contidos no Pb. de referencia.

X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X-X

A Seção de Busca
para fazer dossie e ficha
sôbre o assunto.
Em 11.03.81

Mod. 17

Original ilegível
Original difficult to read
0??

BRESAPEES, DES.O.MS.14 f.43

CONFIDENCIAL

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
ASSESSORIA TÉCNICA PARA INFORMAÇÕES E CONTRA INFORMAÇÕES

Vitória, 21 de Agosto de 1980

ASSUNTO: ENTIDADES DE PROTEÇÃO AO ÍNDIO
ORIGEM: ATICI/SESP/ES
DIFUSÃO ANTERIOR: ATICI/SESP/ES
DIFUSÃO ATUAL: 38ºBI - 3ºCSM - EAMES - CF/ES - PMES - SII/SPI - DEF/ES - ARQ.
REFERÊNCIA: PB. Nº 044/119/ARJ/80
ANEXO:

PEDIDO DE BUSCA Nº 093/80 - ATICI/SESP/ES

1 - DADOS CONHECIDOS

1.1 - Os índios TURINIQUINS E GUARANIS DE ARACRUZ - ES estão de ocupando suas terras por conta própria.

1.2 - O CIMI - CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO e a COMISSÃO de SOLIDARIEDADE AO ÍNDIOS, estão orientando e apoiando as ações indígenas.

2 - DADOS SOLICITADOS

2.1 - Data em que foi constituída a CIMI - ES e a COMISSÃO de SOLIDARIEDADE aos ÍNDIOS.

2.2- Diretoria ou responsáveis das duas entidades que militam no Espirito Santo

2.3- Ligações com outras organizações nacionais ou estrangeiras.

2.4- Origem dos recursos financeiros e patrimoniais das entidades.

2.5- Órgãos ou meios de divulgação utilizados pelas entidades em lide.

2.6- Objetivos visados pelo CIMI e COMISSÃO DE SOLIDARIEDADE AOS ÍNDIOS, BEM COMO OS ASPECTOS DE SUAS atuações junto aos índios nos campos políticos, econômicos, assistencial e filosófico.

2.7- Outros dados julgados úteis.

OBS - Solicita-se o atendimento a este PB até 7 dias do recebimento a fim de cumprir determinação de Escalão Superior.

. . .

CONFIDENCIAL

BRESAPEES, DES. O. MS. 19 P.44

GOVÊRNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

ÓRGÃO:

Folha Nº

Processo Nº

Rubrica

Registrado

1o Sezon de buscas

Para informar

c. 25/08/80

Carlos [illegible] Magnago

BRESAPETS, DES.C.MS-16 P45
Cx 53
CENTRAL DE INFORMAÇÕES

[redacted]

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
ASSESSORIA TÉCNICA PARA INFORMAÇÕES E CONTRA INFORMAÇÕES

Vitória, 05 de abril de 1982

ASSUNTO: CACIQUE MÁRIO JURUNA
ORIGEM: ATICI/SESP/ES
DIFUSÃO ANTERIOR: XXXXXX
DIFUSÃO ATUAL: ARJ/SNI; SII/SPI/ES; EAMES; DPF/ES; PM/2; CP/ES; 38ª BI; 3ªCS; GAB/SESP
REFERÊNCIA: XXXXXXXX
ANEXO: Recortes de Jornais; Pânfletos.

INFORME Nº 016/82/ATICI/SESP/ES

1 - Após a vinda do Cacique Mário Juruna a esta Capital , onde foi entrevistado pela imprensa local , proferiu palestras na UFES , na Assembléia Legislativa onde causou inclusive hilaridade por parte da maioria dos presentes (cerca de 30 pessoas) , esteve também visitando os Tupiniquins em Aracruz.

2 - Juruna fez severas críticas as autoridades Constituidas , ressaltando-as a FUNAI , num linguajar um tanto confuso , dizendo que "só quem entende Indio é o próprio Índio".

3 - Segundo a Imprensa local , a juventude trabalhista do PDT , pretende trazer a esta Capital , os seguintes elementos :

a) FRANCISCO JULIÃO , lider das ligas componesa, ex Deputado cassado pela Revolução de março de 1964 , elemento agitador do Nordeste Brasileiro na área da Agricultura , principalmente no Sertão de Pernabuco .

b) ALDIAS NASCIMENTO - Lider Negro . Não temos qualquer registro a seu respeito .

c) TEREZINHA ZERBINE , esposa do Gen. Reformado EULYALE DE JESUS ZERBINE , que comandava a 10/2 em Caçapava/SP , quando da Revolução de 31 de março de 1964 .

TEREZINHA era funcionária dos Correios e Telégrafos , ligado ao então Cel. DAGOBERTO SALLES , diretor daquela Empresa . TEREZINHA pertencia / naquela época (hoje não sabemos) a uma das facções Vermelhas , radical de esquerda .

CONT...

[redacted]

BRESAPEES, DES.O.MS. 49 R46

CENTRAL DE INFORMAÇÕES

[redacted]

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA

ASSESSORIA TÉCNICA PARA INFORMAÇÕES E CONTRA INFORMAÇÕES

Vitória, 05 de abril de 1982

ASSUNTO: CONT. INFORME Nº 016/82/ATICI/SESP/ES FLs. 02

ORIGEM:

DIFUSÃO ANTERIOR:

DIFUSÃO ATUAL:

REFERÊNCIA:

ANEXO:

d) SEBASTIÃO NERY - Jornalista . Nada Consta em nossos arquivos.

e) Ex integrantes da guerrilha do Caparaó , não sabemos quais os que ainda existem.

OBS : Ainda com respeito a MÁRIO JURUNA , estiveram presentes à Assembléia Legislativa os seguintes : O Dep. ROBERTO VALADÃO (Por cêrca de 30 min.) ; o Presidente do PDT no Rio de Janeiro IRAN RODRIGUES LEMOS ; e o Ex Dep. Federal cassado , MÁRIO GURGEL .

O próprio JURUNA encerrou os debates , preferindo não mais resposnder a qualquer pergunta . Apenas frizava que a FUNAI explora o Índio .

****

[redacted]

Original ilegível
Original difficult to read

BRESAPEES,DES.0MS.19 P.47

GOVÊRNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

ÓRGÃO:

Fôlhas Nº

Processo Nº

Rubrica

Devidamente cadastrado no S.II, em 06.04.82.

A Seção de Busca para apotar e arquivar.

Em: 06.04.82

MOD. 17

Original ilegível
Original difficult to read
000

BR ES APEES, DES. O. MS. 19

A Gazeta — 25.03.82

P.48

Ufes diminui preço do bandejão *mas não satisfaz estudantes*

A Ufes recuou e diminuiu, de Cr$ 130,00 para Cr$ 60,00 o preço das refeições servidas no restaurante universitário. A nova tabela entra hoje em vigor. Mesmo assim, os estudantes rejeitaram a resolução e ameaçam invadir o restaurante caso a reitoria não abra mais as negociações.

Os estudantes querem que a Ufes estipule um preço de Cr$ 45,00 pelas refeições e acabe com a figura do aluno "semicarente", que passará a pagar Cr$ 30,00. Aqueles "absolutamente carentes" continuarão a comer de graça, a exemplo do ano passado. O assessor para assuntos estudantis da Reitoria, Hegner Araújo, deixou bem claro ontem, numa reunião com dirigentes do Diretório Central dos Estudantes (DCE), que não há mais condições da universidade ceder, porque o reitor Rômulo Penina já deu um passo muito largo ao reduzir em Cr$ 70,00 o preço da refeição. Mesmo contrariando uma portaria ministerial".

POLÍTICA

Tanto Hegner Araújo como o DCE concordam que a questão envolvendo o preço do **bandejão** saiu do plano meramente econômico e passou para a esfera política. Ocorre que os estudantes agora estão mais dispostos a combater a figura do aluno "semicarente" do que radicalizar na discussão dos preços. A Ufes classificou até o momento 300 estudantes que pagarão Cr$ 30,00, mas uma assembléia realizada ontem, com cerca de 1.500 universitários, deliberou que esta faixa não deve existir e que os 300 classificados passariam a pagar o preço dos não-carentes, cujo valor da reitoria é de Cr$ 60,00.

O DCE justifica que na Ufes não há necessidade de se credenciar novos alunos que não possam pagar o **bandejão**, porque existe um critério feito pela Divisão de Assistência e Serviço Social que já cadastrou 250 estudantes absolutamente carentes. "O que nós queremos é acabar com a figura do semicarente. O aluno é carente ou não, não existe uma faixa intermediária. Na verdade, o MEC e a Ufes estão querendo cobrar de qualquer maneira os Cr$ 30,00", argumentou José Arimathéa, secretário do DCE.

[illegible] do lado da reitoria, Hegner Araújo afirma que seria impossível a Ufes acabar com a cobrança dos Cr$ 30,00. Explicou que a portaria ministerial determina os preços mínimo e o máximo — Cr$ 30,00 e Cr$ 130,00 — e a reitoria já deu um grande passo em reduzir o último valor. "Já arranhamos em muito a portaria do MEC, pois os Cr$ 130,00 serão fictícios porque valerão apenas para as pessoas de fora da universidade", disse.

De acordo com Hegner, a Ufes não tem muito prestígio diante do MEC para poder afrontar uma decisão do órgão ministerial, tendo em vista que, "apesar da autonomia que lhe é conferida, existe a dependência financeiro - orçamentário". Com relação ao fato de que algumas universidades do país conseguiram atender a seus alunos, mesmo ferindo a portaria, o assessor disse que a explicação estava no fator "prestígio". "A Universidade Federal do Rio de Janeiro" — lembrou — "tem um reitor muito amigo do ministro Ludwig. Amigo pessoal mesmo".

Um outro argumento da reitoria para não aceitar a posição dos estudantes em excluir a figura do semicarente", segundo Hegner Araújo, é o fato de que os 300 escolhidos já receberam autorização para pagar apenas Cr$ 30,00 pelas refeições. "Como iríamos ficar diante desses alunos se tivéssemos que mudar de idéia e dizer para eles que terão de pagar Cr$ 60,00?", indaga. Contudo, o DCE garante que esse problema pode ser facilmente contornado, já que a intenção de excluí-los partiu de uma maioria que não aceita privilegiados. "Eles atenderiam", assegura o presidente do DCE, Estanhlau Stein, comentando que se fosse preciso o DCE se reuniria com os "semicarentes" para explicar a situação.

ROMBO

O MEC liberou para a Ufes este ano Cr$ 50 milhões destinado ao funcionamento do restaurante universitário. De acordo com cálculos de Hegner Araújo se a proposta de Cr$ 45,00 no preço da refeição fosse aceita, no mês de abril, por exemplo, haveria um "rombo" de pelo menos Cr$ 300 mil. "Quem iria repor esta quantia? O DCE?", pergunta, acrescentando que uma suplementação de verba dificilmente seria conseguida.

Original ilegível
Original difficult to read

SR10.PDES.001.CAIX.19

P.49

01/04/82

A GAZETA

Juruna reafirma que índios devem atuar na direção da Funai

"Índio não quer mais militar dirigindo a Funai. Coronel não dá assistência que índio precisa. Funai tem que ter índio lá". A declaração é do cacique xavante Mário Juruna, que chegou ontem à tarde a Vitória, onde veio cumprir uma programação relacionada à Semana do Índio e deflagrar também a sua campanha eleitoral. Ele é candidato a deputado federal pelo PDT do Rio de Janeiro.

Hoje, às 9 horas, o cacique Juruna fará uma palestra para os estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e, às 12 horas, irá à colônia dos Tupininquins, em Aracruz, onde tomará contato direto com os problemas vividos por aquela comunidade. Ele retorna ao Rio de Janeiro amanhã cedo.

PROBLEMAS

Segundo o cacique Juruna, a solução de todos os problemas enfrentados pelas comunidades indígenas só será encontrada quando a Funai deixar que os próprios índios participem diretamente do trabalho do órgão, "porque só os índios conhecem os problemas de suas tribos". Juruna afirmou que não gosta mesmo dos coronéis dirigindo a Funai: "Eles só pensam no dinheiro e nunca estão preocupados com a gente".

A demarcação de terras foi o tema preferido pelo cacique Juruna durante a entrevista coletiva que concedeu no hotel Aruan, em Camburi, sempre tocando no assunto a qualquer das perguntas formuladas pelos repórteres. Ele disse várias vezes que o problema é sério, já que "o branco brasileiro está vendendo terras do índio aos estrangeiros. Não queremos semana do índio, dia do índio, que são coisas do governo. Queremos demarcação de terra. Há 1500 anos temos este direito" afirmou o cacique.

Juruna lembrou que os maiores problemas com a demarcação de terras estão ocorrendo nas áreas da Bahia, Amazônia, Roraima, Espírito Santo e sul de Mato Grosso. Segundo ele, desde que começou a sua luta em benefício dos direitos dos índios tem andado por todo o país e até hoje não conseguiu praticamente nada. "Só consegui demarcação de terras em Mato Grosso e Xavantes. E a consciência que o índio agora começa a tomar. Esses foram os benefícios obtidos até agora".

Aos 41 anos de idade e depois de ter feito várias propagandas para a televisão, o cacique Juruna tornou-se uma figura facilmente identificada pelo público em todo o país. Segundo ele, isto foi motivo de muitas críticas, inclusive da Funai, mas que não o abalaram em nada. "Quem falar mal de mim não passa nada pra mim. Não ligo. Branco faz estas coisas, ganha dinheiro e ninguém diz nada. Por que índio também não pode?"

Alfabetizado pelos padres salesianos, ainda em sua tribo, da qual tornou-se cacique por ter seu méritos reconhecidos pelos outros índios e se conscientizar de que tinha que sair para defender os direitos de seu povo, Juruna afirma que está conseguindo conciliar a sua campanha eleitoral com a luta pela defesa dos índios. "Sou porta-voz deles. É o meu primeiro compromisso político está sendo com o PDT, porque é um partido que também sofre como o índio". Ele se referiu a Brizola e a outros líderes políticos que, em 1964, tiveram que deixar o país. "Brizola é a tribo, a minha gente e o meu sangue. Ele foi expulso do país como as tribos são expulsas de suas terras. E isto não está certo".

Ele vê o projeto de emancipação do índio como uma forma de extermínio das tribos, porque entende que este processo deveria se desenvolver naturalmente. O primeiro passo, segundo Juruna, seria a demarcação e titulação das reservas indígenas, e, a partir daí, os índios traçariam seus próprios rumos, decidindo entre eles o que fazer, "porque índio não quer ser instrumento de ninguém. Índio não quer mais ser tratado pelo governo como criança".

Cacique Juruna + Mário Juruna

Original ilegível
Original difficult to read

BRES APEES,DES.O.MS.19 P.50

OBJETIVOS DO PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA (PDT)

O TRABALHISMO

1 - Em primeiro lugar, o que vem a ser TRABALHISMO? O Trabalhismo brasileiro, surgiu paralelamente ao início do crescimento da atividade industrial no país, durante o primeiro Governo de GETÚLIO VARGAS, que permitiu a abertura de Sindicatos e decretou as primeiras leis de proteção aos trabalhadores, até então desprovidos de qualquer garantia legal. Com a redemocratização do país em 1945, surgiu o TRABALHISMO, baseado principalmente nos sindicatos, idéia essa que vai crescer bastante a partir de 1950, quando Vargas volta ao Governo e entrega virtualmente o Ministério do Trabalho aos trabalhadores, nomeando para o cargo de Ministro JOÃO GOULART dirigente do PTB. (Embora Jango fosse proprietário rural, é esse o primeiro período na História do Brasil em que os trabalhadores tiveram acesso direto aos assuntos relacionados com o Trabalho. O único outro momento em que isso aconteceu foi entre 1961 e 1964, quando Jango exerceu a presidência).

Durante o período 1950 - 54, o segundo governo de GETÚLIO encampou, entre outras, as lutas pelo incremento da industrialização brasileira, pelo monopólio estatal do petróleo e contra a dominação do Brasil pelo capital estrangeiro, além de continuar defendendo os interesses dos assalariados. Sempre na vanguarda dessas lutas, o trabalhismo passa a ter um papel preponderante na política nacional, o que continua a acontecer após 1954, quando GETÚLIO VARGAS morre depois de violenta campanha feita contra ele por grupos estrangeiros prejudicados por sua política nacionalista e por opositores internos descontentes com a participação cada vez maior dos trabalhadores na vida política do Brasil.

Depois da morte de Getúlio, João Goulart é eleito vice-presidente de Juscelino Kubitscheck (1955) e de Jânio Quadros (1960), vindo a assumir a Presidência com a renúncia de Jânio em 1961, depois de uma grande mobilização por sua posse, que só foi possível porque o então governador do Rio Grande do Sul, LEONEL BRIZOLA, entregou armas à população de seu Estado e ameaçou comandar uma guerra civil se Jango fosse impedido de assumir o governo. Mas, três anos depois, esses mesmos grupos reacionários, que levaram Getúlio à morte, depuseram o presidente trabalhista João Goulart, acusando-o de querer criar no Brasil uma república sindicalista. De lá para cá, pioraram cada vez mais as condições de vida dos trabalhadores, impedidos de protestar porque seus sindicatos foram aniquilados e seus líderes foram mortos, presos, cassados ou banidos do país pela ditadura. Paralelamente, foram fechados os partidos políticos e criados ARENA e MDB, este último integrado principalmente por trabalhistas.

BR ES APES, DES.O.M.S. 19 P.51

O P. D. T.

2 - Para impedir o crescimento cada vez maior da oposição, os ocupantes do poder aceitaram a chamada reformulação partidária, cuja principal intenção era tirar de BRIZOLA, verdadeiro sucessor do presidente trabalhista João Goulart, a sigla do PTB, levando-o a criar o Partido Democrático Trabalhista-PDT.

3 - Aparece, pois, o PDT, com a finalidade de continuar a luta do trabalhismo, cujos objetivos só podem ser alcançados num regime democrático, baseado na vontade popular a ser expressa numa Assembléia Nascional Constituinte, um regime em que as classes trabalhadoras possam se fazer ouvir através de sindicatos e partidos livremente formados sem o fantasma dos órgãos de repressão e de eleições diretas para todos os cargos, única forma do povo escolher democraticamente seus dirigentes. De maneira geral, os trabalhistas visam a melhoria das condições de vida para a população do país, dando ênfase para a assistência aos menores carentes (25 milhões): a luta contra a miséria em que vivem as maiorias populares: a participação da mulher em todas as áreas de decisão e a definição de seus direitos sociais no emprego e no lar: a causa dos negros: a defesa dos índios e da natureza.

Uma preocupação fundamental dos trabalhistas liz respeito ao sistema previdenciário, cuja administração deve ser entregue aos trabalhadores, para que atenda melhor e mais amplamente aos principais interessados, que são os próprios trabalhadores do campo e da cidade. Ainda na área social, deve ser assegurado o direito dos assalariados possuirem casa própria através de financiamento do governo, que deve ser impedido de patrocinar a construção de residências luxuosas. No que diz respeito à educação, é obrigação do governo promover a escolarização das crianças em idade escolar, acabar com o analfabetismo e assegurar vagas gratuitas para todos em todos os níveis de ensino. Quanto às condições dos trabalhadores para lutar por seus interesses, é necessário que se assegure o direito de greve, a autonomia das organizações de classe e representação sindical dentro das empresas. Deve ser também dedicada atenção especial à prevenção contra acidentes do trabalho, assim como à proteção do menor e da mulher que trabalham. O 13.° salário deve ser estendido aos funcionários e aos outros trabalhadores que ainda não o recebem e a jornada de trabalho não deve ultrapassar 40 horas semanais, para combater o desemprego e aumentar o tempo livre do trabalhador.

No plano econômico, o PDT entende que o governo deve primeiro, atender as necessidades nacionais, promover a distribuição da renda através de melhores salários e pleno emprego, combater a inflação acabando com a corrupção e o favorecimento aos monopolistas nacionais e estrangeiros a fazer a Reforma Agrária, para assegurar a posse da terra aos que nela trabalham e preços baixos para os alimentos.

Setembro / 80 — Comissão Provisória Regional do
PARTIDO DEMOCRATICO TRABALHISTA - VITÓRIA - ES

Juruna fala a estudantes sobre índios e brancos

[illegible] palestra ontem pela [illegible] no Cineclube da Universidade Federal do Espírito Santo, o cacique xavante Mário Juruna debateu com centenas de [illegible] os problemas enfrentados [illegible] comunidade indígena brasileira, a atuação da Fundação Nacional do Índio, a relação com [illegible] antropólogos, latifundiários, [illegible]os e a questão da [illegible].

[illegible] sua candidatura a deputado federal pelo PDT ele falou pouco, lembrando: "Quero lutar a sério pelo índio e ser preso e expulso com vocês, brancos, como aconteceu com tanta gente boa". A maior parte da palestra foi reservada à abordagem sobre as dificuldades dos índios, principalmente quanto à conservação das terras, "da caça, pesca, dos animais e das frutas".

CHEGADA

O cacique chegou a Vitória anteontem à tarde, quando deu uma entrevista coletiva, explicando os motivos de sua candidatura. Na palestra de ontem, ele se dirigiu essencialmente a estudantes universitários, defendendo a idéia de que o Governo do Brasil deve ser "escolhido pelo povo, pela massa pequena".

Contou, inclusive, porque não porta mais o gravador, antes usado frequentemente em suas entrevistas com autoridades dos governos Federal e estaduais. "Eu não usei mais porque não adiantava. Eram só promessas, eu voltava para pedir o que tinham falado que iam fazer e não conseguia. Desisti, então, do gravador".

Um dos temas mais abordados por Juruna foi a questão fundiária. Sua preocupação se volta principalmente para a promessa antiga do Governo Federal de ceder aos índios as escrituras e realizar a demarcação das terras. "Eu sou homem que conhece os índios, é índio e respeita índio. Por isso quero que dêem aos indígenas o direito de viver em calma em suas terras. O Brasil é dos indígenas", disse Juruna.

LIDERANÇA

Sendo cacique xavante, Juruna começou a se destacar como liderança indígena depois de 1964, segundo ele próprio explicou. "Fui procurando as autoridades para pedir alguma solução, mas a luta é difícil. E tem muitas pessoas querendo tirar a minha liderança. Falam que querem defender índio, mas sabem só defender os seus interesses", frisou.

Na opinião de Juruna o Conselho Indigenista, a Funai, padres, antropólogos, têm prejudicado os índios, pois, "falam que querem ajudar, mas neste País tem muita ganância, fofoca, inveja. Quem tem muita leitura só sabe enganar os índios. Eu tenho estudo é na minha cabeça. E, quando lembro da época em que comecei a batalhar, me dá até um choque".

A sua escolha pelo PDT, explicou Juruna, ocorreu porque "em todo mundo, os problemas são os mesmos. O índio sempre recebendo poeira, tiro e massacre do branco. Logo depois que fui ao Tribunal Bertrand Russel, na Holanda, e cheguei de volta, a Funai começou a me colocar contra os índios e eu quase fui embora, mas depois pensei que assim os índios iam perder. E fiquei, e resolvei procurar um partido, procurei o Brizola".

MULTINACIONAL

Juruna critiou a proliferação de empresas multinacionais. Na sua opinião, deveria se determinar um prazo a partir dos próximos anos para as multinacionais deixarem de funcionar em terras brasileiras.

— Nós estamos só dependendo do estrangeiro. O país foi entregue às multinacionais, ele não é mais nosso. Isso tudo é culpa dos governadores do Brasil, pois eles não são pai do índio, do branco, do preto, do favelado, do pobre. Quanto sangue já caiu nesta terra e este Governo continua — resaltou Mário Juruna.

O lucro das multinacionais, segundo ele, devia ser utilizado para o desenvolvimento do Brasil, "para ajudar a gente brasileira". Juruna chamou, inclusive, o povo brasileiro de "escravos dos estrangeiros".

EMANCIPAÇÃO E JARI

O projeto de emancipação indígena — do Governo Federal — não interessa a Mário Juruna, pois, segundo diz, "nunca vi direito de branco respeitado". Ele acredita que é mais vantajoso o índio continuar sob a tutela do Estado para "poder ter vida própria. Do contrário, lhe acontece o mesmo que com os brancos. A Polícia bate, mata".

Para ele, o projeto de emancipação é um grande perigo, pois diminui ainda mais o número de índios. "A riqueza do índio é a natureza da terra, da caça, é conservar a água, as frutas, os animais. Ele quer cultivar a terra e preservar a sua gente. O povo tem que entender que índio é independente, sempre foi ele nunca vai aceitar ser mandado, nomeado, brecado", acrescentou.

Quanto ao Jari, ele disse não acreditar que o Governo tenha comprado a área da Amazônia de volta. "Tem tanta terra sobrando no Brasil e pouca gente pode ocupá-la, ela fica com um pouco que a explora e fica rico. O País tem muito minério, ouro, diamante, é muito rico, mas o Governo não aproveita a entrega a estrangeiros. E fica depois buscando dinheiro com americano, europeu e fica devendo muito dinheiro. Depois, ainda vende a gente para o estrangeiro", frisou Mário Juruna.

Joaquim Na[illegible]

Juruna criticou o Governo, a Funai, missionários, antropólogos, posseiros e latifundiários, entre outros

Caciques xavante, tupiniquim e guarani debatem problemas

— Vim ver a terra. Vi o eucalipto, que está ocupando a terra que foi doada por D. Pedro II ao índio. Então, por que estes homens estão ocupando a terra do índio? Fico preocupado com a ocupação pois pensava que o índio fosse bem protegido no Espírito Santo. Pessoalmente, comprovei a ocupação por fazendeiro. O Governo tem que indenizar (os posseiros) pois o Estatuto do Índio diz que, mesmo existindo benfeitorias, eles têm que sair da terra do índio.

A declaração é do índio xavante Mário Juruna, cacique dos Xavantes, ao visitar ontem à tarde a aldeia dos Tupiniquins, em Caieiras Velhas, onde encontrou o cacique José Sizenando, de quem recebeu apoio para sua candidatura a deputado federal pelo PDT no Rio de Janeiro. O chefe xavante visitou ainda a povoação dos Guaranis, em Aldeia Nova, também no município de Aracruz.

O ENCONTRO

O cacique tupiniquim estava na sua roça de milho com um grupo de trabalhadores, a cerca de quatro quilômetros da aldeia, de onde veio para se encontrar com o líder xavante. Depois de um rápido banho ele se avistou com o xavante. Um pouco antes o cacique Mário Juruna ouvia as

Ailton Lopes

Juruna, candidato, recebeu o apoio de Sizenando (D)

ALDEIA NOVA

Dali o cacique xavante e sua comitiva seguiram, levando como convidado o sr. Jose Sizenando, para Aldeia Nova, onde o grupo de Guaranis mantém intacta a sua cultura e conquistou pouco mais de 50 alqueires de terras, que eles demarcaram depois de muita luta contra a Aracruz Celulose e "contra os brancos".

Em Aldeia Nova, que deslumbrou os estudantes pela beleza da região — apesar da miséria em que vivem os índios — a comitiva andou um pouco mais: foi até o alto de um morro, onde o que os índios têm lá mostrado ao cacique Juruna. O cacique dos Guaranis, sr. João dos Santos, disse que a principal reivindicação da tribo é que sejam definitivamente confirmadas para os índios as suas terras, em ato jurídico que não permita dúvidas.

PROVIDÊNCIAS

O sr. Oduvaldo Giron Mota, chefe do Posto, afirmou que a Fundação Nacional do Índio (Funai), a quem por lei cabe resguardar o interesse dos índios, fez um contato com o Governo do Estado e com a Prefeitura de Aracruz, pedindo ajuda para reassentamento dos posseiros da região.

Ele explicou que será feito um segundo levan-

Caciques xavante, tupiniquim e guarani debatem problemas

— Vim ver a terra. Vi o eucalipto, que está ocupando a terra que foi doada por D. Pedro II ao índio. Então, por que estes homens estão ocupando a terra do índio? Fico preocupado com a ocupação pois pensava que o índio fosse bem protegido ao Espírito Santo. Pessoalmente, comprovei a ocupação por fazendeiro. O Governo tem que indenizar (os posseiros) pois o Estatuto do Índio diz que, mesmo existindo benfeitorias, eles têm que sair da terra do índio.

A declaração é do índio xavante Mário Juruna, cacique dos Xavantes, ao visitar ontem à tarde a aldeia dos Tupiniquins, em Caieiras Velhas, onde encontrou o cacique José Sizenando, de quem recebeu apoio para sua candidatura a deputado federal pelo PDT ao Rio de Janeiro. O chefe xavante visitou ainda a povoação dos Guaranis, em Aldeia Nova, também no município de Aracruz.

O ENCONTRO

O cacique tupiniquim estava na sua roça de milho, com um grupo de trabalhadores, a cerca de quatro quilômetros da aldeia, de onde veio para se encontrar com o líder xavante. Depois de um rápido banho ele se ayjstou com o xavante. Um pouco antes o cacique Mário Juruna ouvia as reclamações dos posseiros que ainda ocupam Caieiras Velhas.

Os posseiros reconhecem, como disseram ao xavante, que as terras que ocupam não são suas. "Somos donos apenas dos nossos direitos. Pelo que estamos vendo vamos sair de trouxa nas costas, quando a gente aceita sair para um outro terreno", disseram a Juruna. Este lembrou que os posseiros têm direito a ser indenizados pelo que fizeram, embora não possam ficar na terra e que a indenização cabe aos Governos Federal e Estadual. Cerca de 30 famílias de posseiros ainda estão na aldeia.

Em Aldeia Nova, um encontro de duas gerações

Juruna, candidato, recebeu o apoio de Sizenando (D)

SITUAÇÃO

Do cacique dos índios capixabas Mário Juruna ouviu a explicação da sua luta pela demarcação de terras, que literalmente colocou a tribo contra a Funai, que protelava a medida, e contra a Aracruz Celulose. Eles finalmente acabaram conquistando as suas terras e os seus 1 200 hectares estão hoje perfeitamente delimitadas e sob guarda dos próprios índios, que cultivam uma parte e pretendem estender estas culturas ocupando novos espaços.

O sr. José Sizenando explicou ainda, para justificar a posição de sua tribo, que há cerca de dois anos tomou a escola, o posto médico e um parque infantil dos bancos destinando-os para uso da tribo, que a medida foi tomada "contra o abuso, pois os posseiros diziam então que os índios eram preguiçosos".

— Lutamos pela demarcação das nossas terras e não estamos nos envolvendo com eles. Mas eles (os posseiros) foram estes dias a Vitória e pregaram mentira através de um jornal dizendo que estamos invadindo as casas deles. São eles que tem que lutar contra o governo e exigir os seus direitos. A gente sabe que eles tem direito a indenização, que o Governo deve pagar.

FORO

Depois de repreender um jornalista, que aproveitando a aglomeração (junto com Juruna foi uma caravana de estudantes e alguns professores da Ufes) lhe perguntou por que ele havia se filiado ao PDT — "vim aqui para ver o problema do índio. Não vim para discutir partido, que é outra conversa", disse o xavante, recebendo aplausos — Mário Juruna afirmou que respeita quem comprou a terra (os posseiros) e quem tem as benfeitorias mas que "os índios estavam aqui primeiro. Sou contra o Governo do Estado, o Governo Federal, que vende a terra do índio".

"Quero me apresentar como candidato à Câmara Federal para lembrar os problemas do índio. Quero que o Governo respeite mais o índio. O Brasil está ficando cada vez pior estão grassando fome e sede. O índio é usado como instrumento, objeto", disse o cacique dos Xavantes. Ele lembrou que sua raça está sendo "lenta, gradual e seguramente destruída, reduzida em número".

"Quero lutar para preservar a comunidade indígena. Prometo falar a língua indígena (no Congresso Nacional); não sei se o branco vai entender. Mas se não entender então bote alguém que conheça a nossa língua". Ele, a seguir, perguntou ao cacique dos Tupiniquins como estava o trabalho do chefe do posto (sr. Oduvaldo Giron Mota), ao que o sr. José Sizenando respondeu que ia bem "e se tem algum erro, nós corrigimos logo".

APOIO

"Nós damos todo apoio à candidatura do sr. A gente fica alegre com isto, pois os políticos daqui, os vereadores, dizem que só quem é índio é quem [illegible] nu e quem come mandioca", disse José Sizenando a Mário Juruna. Foi então que o cacique dos xavantes lembrou que o índio estava na terra quando o Brasil foi descoberto e que é dono dela, mesmo que os Governos Federal e Estadual a vendam.

O índio é dono primitivo da terra. Vem coronel, vem general, mas não encontra solução para os problemas da gente", disse Juruna. "Apoio todas as medidas tomadas pelos índios do Espírito Santo — para a demarcação de suas terras, voltando a lembrar que o posseiro não pode sair no bico da botina e tem que ser reassentado, pois existe terra de sobra no Brasil".

O Governo deve fazer acordo com o posseiro. Deve fechar a terra indígena e dar escritura ao índio. Para as tribos que não foram contatadas é preciso que suas terras sejam transformadas em reserva indígena", disse o xavante. Ele lembrou ainda que os posseiros devem recorrer ao Governo Federal, procurar o Incra e formar uma cooperativa.

ALDEIA NOVA

Dali o cacique xavante e sua comitiva seguiram, levando como convidado o sr. José Sizenando, para Aldeia Nova, onde o grupo de Guaranis mantém intacta a sua cultura e conquistou pouco mais de 50 alqueires de terras, que eles demarcaram depois de muita luta contra a Aracruz Celulose e "contra os brancos".

Em Aldeia Nova, que deslumbrou os estudantes pela beleza da região — apesar da miséria em que vivem os índios — a comitiva andou um pouco mais: foi até o alto de um morro, onde o que os índios têm foi mostrado ao cacique Juruna. O cacique dos Guaranis, sr. João dos Santos, disse que a principal reivindicação da tribo é que sejam definitivamente confirmadas para os índios as suas terras, em ato jurídico que não permita dúvidas.

PROVIDÊNCIAS

O sr. Oduvaldo Giron Mota, chefe do Posto, afirmou que a Fundação Nacional do Índio (Funai), a quem por lei cabe resguardar o interesse dos índios, fez um contato com o Governo do Estado e com a Prefeitura de Aracruz, pedindo ajuda para reassentamento dos posseiros da região.

Ele explicou que será feito um segundo levantamento da situação, quando deverá ser indicada uma área para transferência dos posseiros. "Acredito numa solução ainda para o primeiro semestre. Este é o interesse da Funai".

Para ele, a decisão deverá sair este ano, pois o atual Governo se extingue no início de 1983. Para cumprir os seus compromissos neste sentido a solução teria que ser dada logo. Uma das áreas que poderia servir para reassentar os posseiros seria Vila do Riacho, mas esta hipótese parece ter sido descartada. Durante a visita do cacique Mário Juruna a seus irmãos índios, a Polícia Federal o acompanhou ostensivamente, não se sabendo a razão da medida.

Curiosos acompanharam Juruna até as aldeias

Arte & Lazer **Caderno Dois**

A GAZETA — VITÓRIA (ES), SEGUNDA-FEIRA, 5 DE ABRIL DE 1982

CACIQUE JURUNA

Glecy Coutinho

"Vocês estão matando os índios."

ele fala dos problemas dos índios, de política, de sua candidatura e diz que se achar que o PDT não está de acordo com suas reivindicações, ele muda de partido, pois "sou livre e não gosto de ninguém mandando em mim".

pode conhecer os índios brasileiros como adultos e como regentes. Nós não podemos continuar sendo considerados como crianças

A GAZETA — Você fala muito em demarcações, quais são as áreas que mais preocupam você?

Juruna — Os Ianomanis conseguiram demarcar a terra agora. Mas tem problemas de demarcação na Bahia, a tribo Tapajós, a tribo Pacararé, que está precisando de demarcação. Tem índios no Amazonas que precisam de demarcação, tem índios no Espírito Santo, tem índio em Goiás também que estão precisando de demarcações. Tem Sul de Mato Grosso, Dourados, tem Serra da Bodoquena que não foi demarcado. A terra é do Patrimônio da União o índio ocupa. E nós queremos mudar isso. Nós temos direito para mudar. Então porque o branco cria a lei dos índios, e os índios não estão sabendo a política do branco, a lei do branco". E eles estão lá, nomeando a terra nossa. Então nós dizemos que a terra é nossa. E o branco acha que a terra é dele. Então, eu acho que o índio tem direito de pegar escritura da terra da comunidade indígena.

A GAZETA — Você critica muito a Funai, mas agora entrou um coronel que alguns índios estão até falando bem dele. Você acha que ele vai melhorar a Funai.

Juruna — Eu espero que ele me comunique. Espero aparecer em Brasília para discutir o problema do indígena. Se o Coronel vem com boa vontade para resolver o problema do índio, pode melhorar alguma coisa. Se o coronel não vem com boa vontade, ele só vai receber às custas do índio e não vai melhorar nada.

A GAZETA — O coronel anterior, você se deu mal com ele.

Juruna — Olha, eu não gosto de [illegible] coronel. Não gosto da Funai, porque a Funai não está procurando dar assistência melhor ao índio. A gente da Funai não vem atrás dos índios porque [illegible] dos índios. Eles só vem atrás dos índios para ganhar seus salários às custas dos índios.

A GAZETA — [illegible]

índio, e os índios têm que ficar quietos, não têm direito a discutir os problemas que estão acontecendo. Então eu não faço segredo e sempre levo reivindicações contra a Funai. A Funai levantou calúnias contra mim, dizendo que eu tinha roubado carro de particular, que eu tinha recebido dólares de estrangeiros para a comunidade, que eu tinha matado crianças com carro particular. A Funai sujou meu nome. Então eu recuei porque assim não dava para continuar. Por isso eu encontrei um partido para me apoiar. Então, porque acontece isso. Porque eu falo a verdade. Então se eu fosse comprometido com a Funai recebendo presentes, cigarro aí todo o mundo me abraçava, até o governo Federal.

Como eu não tenho ligações com eles, eles não podem me aceitar.

A GAZETA — Por que você escolheu o PDT e não outros partidos como o PMDB, PT e outros?

Juruna — Isso é outra coisa. Eu acho o nome do Brizola muito bom. Eu há muito tempo acompanho a luta dele, ele também sofre como índio. Em 64 foi expulso do Brasil com muita gente, e eu não sabia nada disso. Mas isso não aconteceu só com Brizola, isso acontece com os índios. Por isso eu considero o Brizola como minha gente, como meu sangue. Ele em 64 foi expulso do Brasil como os índios que também vivem sendo expulsos da terra deles. Por isso eu quero apoiar o Brizola e muita gente pode me apoiar também porque estão na mesma situação dos índios. O pessoal das favelas, o trabalhador, o camponês, os índios, os pretos. Quem não vai me apoiar é quem está comprometido com o governo quem está comprometido com as multinacionais estes não vão me apoiar. E não é por isso que eu vou ficar triste. Eu vou continuar a minha luta eu quero dar projetos bons para brasileiros, eu quero apoiar aquele pessoal que precisa do apoio da gente.

A GAZETA — No programa do PDT consta a defesa das minorias como os índios

O único jeito de defender os índios é brigando com os brancos. Eu assumi este compromisso com meu pai que era cacique antes de mim. Por isto estou aqui, estou tentando falar lá na Câmara Federal...

Juruna — O PDT não é um partido

promovidos pelo CIMI. São importantes para os índios?

Juruna — Olha, a luta a gente já tinha começado. Porque o índio é assim. Ele pode aprender hoje, ele pode aceitar hoje, mas amanhã não aceita mais. Então não é como o branco. As vezes, o índio está pronto para apoiar. E aí chega a Funai, e chega algum padre e então o índio não apóia mais. As vezes, dizem: vocês não podem apoiar Mário Juruna. Ele é cachaceiro, Mário é doido, não podem acompanhar a luta dele. E dão balinhas para os índios, e eles estudados, passam a apoiar a luta deles.

A GAZETA — Além da defesa dos interesses dos índios qual seria um outro ponto básico de sua campanha?

Juruna — Olha, é muita coisa que a gente vai dizer. Tem muita coisa ainda que a gente precisa aprender. Mas olha, se muita coisa não acontecesse nesse [illegible] a gente falava menos. Mas muita coisa está acontecendo, violência, [illegible] fome, gente sem terra. Então [illegible] tem que falar, e na Câmara Federal a gente tem que apresentar projetos: das reservas, da fome, das favelas, projeto camponês, projeto da agricultura, do direito do posseiro, do direito do favelado, direito do povo. Não é só índios que eu vou defender. Mas vou defender primeiro os índios. Mas qualquer um branco que precisar de mim, eu vou defender.

para falar sobre a situação do índio do Brasil. Como eu já tinha conversado com vários chefes indígenas e que todo o País tem problema de índio. O branco mata índio, o branco prende o índio, o branco toma a terra do índio. Então eu perguntei, como é que o branco fala que é filho de Deus, que conhece a lei de Deus e como é que mata o índio desse jeito. Tem branco que é tão violento e na hora que precisa começa a dizer "ai meu Deus me ajuda" e depois sai por aí matando índio. Como é que mata o pobrezinho do índio que não conhece Deus. O índio não invade terra de ninguém, não invade casa de ninguém. A única coisa que o índio faz é defender o que é dele que é a sua terra. O índio recebe o branco na sua casa de porta aberta. E o branco não recebe o índio. Eu falei isso no Bertrand Russel. Branco diz que é filho de Deus, que é cristão e sempre mata índio. Vocês, os brancos.

A GAZETA — Na região de Barra do Garça onde fica a reserva de seu povo, ainda há muita matança de índios?

Juruna — Antes de mim havia muita matança de índios. Aí eu comecei a batalhar, a lutar pelo direito dos índios, aí parou.

A GAZETA — Juruna, certa imprensa falou mal de você quando você apareceu na televisão fazendo propaganda de uma marca de cachaça

demarcado. A terra é do patrimônio da União o índio ocupa. E nós queremos mudar isso. Nós temos direito para mudar. Então porque o branco cria a lei dos índios, e os índios não estão sabendo a política do branco, a lei do branco". E eles estão lá, nomeando a terra nossa. Então nós dizemos que a terra é nossa. E o branco acha que a terra é dele. Então, eu acho que o índio tem direito de pegar escritura da terra da comunidade indígena.

A GAZETA — Você critica muito a Funai, mas agora entrou um coronel que alg... dele. Você acha que ele vai melhorar a Funai?

Juruna — Eu espero que ele me comunique. Espero aparecer em Brasília para discutir o problema do indígena. Se o Coronel vem com boa vontade para resolver o problema do índio, pode melhorar alguma coisa. Se o coronel não vem com boa vontade, ele só vai receber às custas do índio e não vai melhorar nada.

A GAZETA — O coronel anterior, você se dava bem com ele.

Juruna — Olha eu não gosto de nenhum coronel. Não gosto da Funai, porque a Funai não está procurando dar assistência melhor ao índio. A gente da Funai não vem atrás dos índios porque gosta dos índios. Eles só vêm atrás dos índios para ganhar seus salários às custas dos índios.

A GAZETA — Juruna em todas as suas andanças pelo Brasil, o que você já conseguiu em benefício do índio brasileiro?

Juruna — Até hoje eu não consegui nada. Eu só consegui demarcação da terra indígena do norte de Mato Grosso e para os Xavantes. E eu tenho defendido a tribo onde foi aprovada a demarcação agora. Então tem pouca coisa que a gente está resolvendo. Então muitos índios hoje tem consciência e estão me apoiando para poder resolver da mesma maneira como eu penso.

A GAZETA — Como é que você está conseguindo conciliar suas andanças da campanha política com seu trabalho pelos índios.

Juruna — Isso não é problema. Eu já lutei para poder defender os interesses dos índios. Então eu sou porta-voz dos índios. Eu estou sempre levantando os problemas dos índios. Existem calúnias dentro da Funai. Então o governo brasileiro só ele que pode pisar no

aconteceu só com Brizola, isso acontece com os índios. Por isso eu considero o Brizola como minha gente, como meu sangue. Ele em 64 foi expulso do Brasil como os índios que também vivem sendo expulsos da terra deles. Por isso eu quero apoiar o Brizola e muita gente pode me apoiar também porque estão na mesma situação dos índios. O pessoal das favelas, o trabalhador, o camponês, os índios, os pretos. Quem não vai me apoiar é quem está comprometido com o governo quem está comprometido com as multinacionais estes não vão me apoiar. E não é por isso que eu vou ficar triste. Eu vou continuar a minha luta, eu quero dar projetos bons para brasileiros, eu quero apoiar aquele pessoal que precisa do apoio da gente.

A GAZETA — No programa do PDT consta a defesa das minorias como os índios?

O único jeito de defender os índios é brigando com os brancos. Eu assumi este compromisso com meu pai que era cacique antes de mim. Por isto estou aqui, estou tentando falar lá na Câmara Federal...

Juruna — O PDT não é um partido maior. E não é comprometido também com gente grande, gente de gravata, gente de poder. Então eu acho que esse pessoal que procura defender o preto, o trabalhador, eu acho que a gente pode juntar as forças. Como eu já fui chefe de comunidade a gente pode lutar junto. Eu nunca tinha pensado nisso, mas se eles não aceitarem as minhas lutas eu posso entrar em qualquer partido. Sou livre, e ninguém vai mandar em mim.

A GAZETA — O que os índios acham da sua candidatura?

Juruna — Olha, aqueles índios que fizeram contato com os brancos acham melhor. Mas aqueles que ainda não fizeram contato com os brancos que ainda não sabem política, fica difícil. Mas o pessoal que sabe está me apoiando. Porque eles sabem que eu vou apresentar os problemas indígenas na Câmara Federal.

A GAZETA — Juruna e os encontros dos caciques que de vez em quando são promovidos pelo CIMI. São importantes para os índios?

Juruna — Olha, a luta a gente já tinha começado. Porque o índio é assim. Ele pode aprender hoje, ele pode aceitar hoje, mas amanhã não aceita mais. Então não é como o branco. As vezes, o índio está pronto para apoiar. E aí chega a Funai, e chega algum padre e então o índio não apóia mais. As vezes, dizem: vocês não podem apoiar Mário Juruna. Ele é cachaceiro, Mário é doido, não podem acompanhar a luta dele. E dão bagunça para os índios, e eles, coitados, passam a apoiar a luta deles.

A GAZETA — Além da defesa dos ... dos índios qual seria um outro ponto básico de sua campanha?

Juruna — Olha, é muita coisa que a gente vai dizer. Tem muita coisa ainda que a gente precisa aprender. Mas olha, se muita coisa não acontecesse nesse ... a gente falava menos. Mas muita coisa está acontecendo, violência, ... fome, gente sem terra. Então a gente tem que falar, e na Câmara Federal a gente tem que apresentar projetos: das reservas, da fome, das favelas, projeto camponês, projeto da agricultura, do direito do posseiro, do direito do favelado, direito do povo. Não é só índios que eu vou defender. Mas vou defender primeiro os índios. Mas qualquer um branco que precisar de mim, eu vou defender.

A GAZETA — Como é que você vê a abertura do Presidente Figueiredo?

Juruna — Eu não entendo esse projeto do Presidente da República. Há muito tempo eu tinha procurado para conversar com ele para explicar os problemas indígenas. E ele prometeu me receber e até hoje não me chamou. Eu acho que o Presidente da República não tem muita vontade de deixar liberdade para os brasileiros. Eu não estou de acordo que ele faça reuniões com o PDS. Como é que ele, o presidente, que não é o pai do povo, vai resolver o que os outros partidos têm que fazer. Quer acabar com os outros partidos. E eu acho que ele não é a única cabeça que manda no país, então porque ele não pode fazer contato com o PMDB, PDT, e os outros partidos. Eu estou estranhando muito isso. Olha, eu acho que fora da janela ele fala que vai ter eleições em 82, mas acho que no fundo talvez ele esteja preparando alguma coisa.

A GAZETA — É o aniversário da revolução, quer falar alguma coisa sobre ela?

Juruna — Da revolução? Quem está no poder está satisfeito, quem foi expulso está triste.

A GAZETA — Como é que você encara o projeto da emancipação?

Juruna — A emancipação eu não aceito. Não estou de acordo. Esse projeto é uma ameaça, não é direito do branco. O índio não tem direitos, eles estão emancipando e o índio vai ser preso. Ele não tem direito. Esse projeto de emancipação eu não tenho nem palavras para responder. Eu achava que todos nós devíamos andar sem emancipação como o índio, o branco também. Livre. Então esse é projeto de emancipação. E não a gente ser tutelado de pai, tutelado de mãe. Esse projeto de emancipação que fizeram é uma ameaça. Emancipado de quê? Que direitos o índio vai ter? Não tem direito nenhum.

A GAZETA — Qual a importância do Tribunal Bertrand Russel do qual você participou, para o índio brasileiro?

Juruna — Eu fui para a Holanda para o Tribunal Bertrand Russel e era para falar sobre a situação do índio do Brasil. Como eu já tinha conversado com vários chefes indígenas e vi que todo o País tem problema com índios. O branco mata índio, o branco prende o índio, o branco toma a terra do índio. Então eu perguntei, como é que o branco fala que é filho de Deus, que conhece a lei de Deus e como é que mata índio desse jeito. Tem branco que é tão violento e na hora que precisa começa a dizer "ai meu Deus me ajuda" e depois sai por aí matando índio. Como é que mata o pobrezinho do índio que não conhece Deus. Índio não invade terra de ninguém, não invade casa de ninguém. A única coisa que o índio faz é defender o que é dele que é a sua terra. O índio recebe o branco na sua casa de porta aberta. E o branco não recebe o índio. Eu falei isso no Bertrand Russel. Branco diz que é filho de Deus, que é cristão e sempre mata índio. Vocês, os brancos.

A GAZETA — Na região de Barra do Garça onde fica a reserva de seu povo, ainda há muita matança de índios?

Juruna — Antes de mim havia muita matança de índios. Aí eu comecei a batalhar, a lutar pelo direito dos índios, aí parou.

A GAZETA — Juruna, certa imprensa falou mal de você quando você apareceu na televisão fazendo propaganda de uma marca de cachaça.

Juruna — Olha, quem fala mal de mim, não me atinge. Isso é costume do povo. Quem quiser falar mal de mim não importa. Essa propaganda que eu fiz para mim não tem nenhum mal. Tem tanto branco fazendo propaganda e ninguém diz nada. E eu faço porque eu também preciso de dinheiro. Agora porque eu sou índio não posso fazer?

A GAZETA — E você já bebeu daquela cachaça?

Juruna — Não, nunca provei. Eu não bebo.

A GAZETA - Juruna você estudou onde?

Juruna — Eu estudei muito pouco. Lá na tribo mesmo, com os padres salesianos. Eu não pude estudar mais.

A GAZETA — E como foi que você adquiriu consciência política?

Juruna — Vendo e sofrendo junto com minha tribo. Vendo nossa terra tomada, nossa madeira, os índios sendo maltratados pelos fazendeiros. Então isso foi juntando na minha cabeça. E meu pai explicava o que acontecia com os índios. Então eu explicava para a comunidade que precisava de um homem para defender os índios. E quando eu assumi cumpri a minha promessa e até hoje eu continuo defendendo os interesses dos índios.

A GAZETA — A política foi a saída que você encontrou para ajudar os índios?

Juruna — Não sei. Talvez eu pudesse fazer mais como chefe de comunidade. Talvez eu possa fazer mais indo para a Câmara Federal e lá eu vou dar dor de cabeça no pessoal. Acho que lá eu vou poder fazer mais ainda.

A GAZETA — A Funai agora disse que quer colocar um índio lá.

Juruna — Olha, se o governo brasileiro pegar a chave da Funai e dizer para os índios: toma, vai lá, toma conta dos problemas dos índios, dos seus conterrâneos, o que você fizer está certo. Eu aí acredito que o índio possa fazer alguma coisa. Se vem o coronel e bota um índio lá para o coronel ficar mandando nele, então não adianta nada. O índio não vai ter direito nenhum.

"A gente da Funai não vem atrás do índio porque gosta dele, eles vêm atrás por causa de seus salários"

02/04/82 BRESAPEES,DES.O.MS.89 P.54

A GAZETA

A GAZETA — VITÓRIA (ES), SEXTA-FEIRA, 2 DE ABRIL DE 1982

[illegible] fez muitas promessas

O cacique já está em campanha

Funai atende posseiros de Caieiras Velhas

Os posseiros que vivem em Caieiras Velhas serão indenizados e alocados em outro lugar ainda neste primeiro semestre. A solução definitiva está sendo estudada pelo governo estadual e a Fundação Nacional do Índio (Funai), visando acabar de vez com o impasse criado entre os integrantes da tribo tupiniquim e os posseiros daquela região, após a demarcação da reserva indígena ocorrida no fim do ano passado.

A informação foi prestada, ontem, pelo representante da Funai na área, Oduvaldo Girão Mota, durante a visita feita pelo cacique xavante Mário Juruna à região, que foi verificar de perto os problemas das tribos existentes em Caieiras Velhas. Segundo Oduvaldo Mota, uma equipe da Funai já esteve no Estado, onde realizou uma avaliação dos bens dos posseiros para a futura indenização. Ele garantiu que o órgão tem pressa em solucionar definitivamente este problema. "Estamos em época de eleições e, por isso, é importante resolver de vez este impasse".

VISITA

O cacique xavante Mário Juruna chegou à tribo dos tupiniquins, em Caieiras Velha, por volta das 14h30m acompanhado por membros do PDT estadual. Seu primeiro contato foi com o representante da Funai na área, Oduvaldo Mota, que o apresentou ao cacique tupiniquim José Sizenando, através do qual tomou conhecimento dos atuais problemas vividos por aquela comunidade. Além da questão com os posseiros, Sizenando reclamou com Juruna da falta de apoio técnico, por parte da Funai, à região, da inexistência de água e luz na reserva e também [illegible] da [illegible]. Segundo ele, [illegible] as pri[illegible] dades enfrentadas pela comunidade indígena e que merecem a atenção dos dirigentes do governo.

Após ouvir o relatório do cacique Sizenando, Juruna deu início à sua campanha eleitoral, afirmando que, se for eleito deputado federal pelo PDT do Rio de Janeiro, os "índios finalmente terão um representante junto ao governo". Ele lembrou, também, que todos os índios devem lutar pelo direito de possuir suas terras e, por isso, a demarcação é muito importante.

Juruna afirmou que não é contra os posseiros, os quais, segundo ele, devem ser indenizados pelo governo. "Eles não têm culpa, como também não a têm os índios. A Funai precisa resolver este problema". Em seguida, o cacique xavante foi conhecer a tribo guarany tupã, cujo cacique, João dos Santos, já o aguardava há horas. Lá, Juruna falou de suas intenções como candidato a deputado e do que poderá fazer pela sua gente, caso vença as eleições.

POSSEIROS

O problema entre os índios tupiniquins e os posseiros da região de Caieiras Velhas começou logo após a demarcação da reserva, feita pelo governo federal. Os posseiros não saem da área, alegando que estão esperando a indenização que o governo prometeu lhes dar, conforme afirmou o representante da Funai na região, Oduvaldo Mota. "O assunto já está sendo tratado em caráter de urgência entre o órgão e o governo estadual e, até o fim deste semestre, a situação estará resolvida". Um documento contendo todas as reivindicações dos posseiros e [illegible] de soluções já [illegible] Funai".

Original ilegível
Original difficult to read

BR ES APEES, DES.O.MS.19 F1

Original legível
Original difficult to read
0077

BR ES APEES, DES.O.MS.19 F2

Original illegible
Original difficult to read
0077

BR ES APEES, DES.O.MS.19 F3

Original illegível
Original difficult to read
00077

BR ES APEES, DES.O.MS.19 F4

Original illegível
Original difficult to read
0077

BR. ES APEES, DES.O. MS.19 F5

Original illegible
Original difficult to read
0077

BR ES APEES. DES.0.MS.19 FG

Original legível
Original difficult to read
0077

BR ES APEES, DES.O.MS.19 F7

Original legible
Original difficult to read
0077

BRES APRES, DES.O.MS.19 F8

Original illegible
Original difficult to read

BR ES APEES, DES. O. MS. 19 F9

Original negative
Copyright material to read
0011

BR ES APEES, DES.O. MS. 19 F10

Original illegible
Original difficult to read
0077

BR ES APEES, DES.O.MS.19 F11

Original illegible
Original difficult to read
00

BRESAPEES, DES.O.MS.19 F12

Original illegible
Original difficult to read
0077

BRESAPEES, DES.O.MS.19 F13

Original illegible
Original difficult to read
0077

BR ES APES, DES.O.MS.19 F 14

Original legível
Original difícil de ler
0027

BR ES APEES. DES. O. MS. 19 F 15

Original do
Original

BR ES APEES, DES.O.MS.19 F16

Original illegible
Original difficult to read
DOP

BR/ES APEES, DES.O. MS.19 F17

Original ilegível
Original difficult to read
0073

BR ES APERS, DES.O.M5.19 F18

Original illegible
Original difficult to read
00

BR ES APRES, DES.O.MS-19 F19

BR ES APEES, DES.O. MS. 19 F 20

Original ilegível
Original difficult to read
0077

BR RS APERS, DES.O.MS.19 F21

Original ilegível
Original difficult to read
0077